DICIONÁRIO











FAUNA E FLORA

PANARÁ





MICHELE DE ARRUDA VASCONCELOS MOURA • SOTH PANARÁ – ORGANIZADORES







paruna



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
AÇÃO SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA EM MATO GROSSO – REDE UFMT
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO – GUARANTÃ DO NORTE/MT

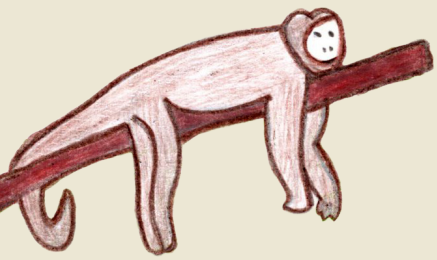
Coordenadora Geral
Beleni Saléte Grando

Supervisora:
Mariuce Campos de Moraes

Formadora:
Michele de Arruda Vasconcelos Moura

Coordenador de ação:
Soti-I Panará

Colaboradores na formação voluntária e editores:
Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira (UNEMAT)
Alceu Zoia (UNEMAT)
Amanda Pereira da Silva Azinari (DEOE/UFMT)





MICHELE DE ARRUDA VASCONCELOS MOURA
SOTI-I PANARÁ
Organizadores

DICIONÁRIO
FAUNA E FLORA
PANARÁ

paruna

Guarantã do Norte-MT, 2026

© Michele de Arruda Vasconcelos Moura; Soti-I Panará, 2026.

A Paruna segue o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa em vigor no Brasil desde 2009.

A aceitação das alterações textuais e de normalização bibliográfica sugeridas pelo revisor é uma decisão dos organizadores.

Moura, Michele de Arruda Vasconcelos; Panará, Soti-I.

Dicionário fauna e flora Panará / Michele de Arruda Vasconcelos Moura; Soti-I Panará. – São Paulo: Editora Paruna, 2026.

92 f : il.

ISBN: 978-65-85106-94-8

1. Estudos Culturais. 2. Povos indígenas. 3. Dicionário. 4. Territórios Ancestrais. I. Moura, Michele de Arruda Vasconcelos; Panará, Soti-I. II. Título.

CDU – CDD 39.301

Índice para catálogo sistemático:

1. Estudos culturais : Dicionário : Povos indígenas : Educação 39.301

Revisão e Normalização Textual:
Paruna Editorial

Capa, Editoração e Projeto Gráfico:
Candida Bitencourt Haesbaert – Paruna Editorial

Paruna Editorial
Rua Lima Barreto, 29 – Vila Monumento
CEP: 01552-020 – São Paulo, SP
Fone: 11 97958-9312
www.**paruna**.com.br

TRADUÇÃO E ILUSTRAÇÃO:

KIAPOKJY PANARÁ

JUPORO-Y KAIABI PANARÁ

KWAKIATI PANARÁ

TEPUIN MEKRAKNOTI

SOTI-I PANARÁ

KABAKRA PANARÁ

TUMASYRI PANARÁ

TUKIAKA PANARÁ

PIANKIARI PANARÁ

PUKIARA PANARÁ

KIENSAN PANARÁ

PRINKOW PANARÁ

HAPO-A PANARÁ

PASSUA-PRI PANARÁ

KONSON PANARÁ

KOTUNSI PANARÁ

TUMPEMPE PANARÁ

TAKARI PANARÁ

PEMINHO PANARÁ

PIOIAKO PANARÁ

KUYRO PANARÁ

KUKRAKRITI PANARÁ

KOWKRE PANARÁ

KWATUM PANARÁ

JOPYTI PANARÁ

IOKIA PANARÁ

PENTE PANARÁ

PAPYRI PANARÁ

POKAA PANARÁ

KOTAT PANARÁ

PAJAKON PANARÁ

TETUAN PANARÁ

SAKORA PANARÁ

KUKA PANARÁ

PERANKO PANARÁ

U-IRE MEKRAGNOTIRE

BEP-ERE KAYAPO PANARÁ

PEIAMIRI PANARÁ

HAMAKJYA PANARÁ

TAKAKDJAJ MEKRAGNOTIRE

KOSA PANARÁ

SAKIERA PANARÁ

KYPAKIA PANARÁ

SAKRE PANARÁ

KIATYA PANARÁ

SOKWAPERA PANARÁ

AKUYTAPIA PANARÁ

SATO PANARÁ

KOWPY PANARÁ

KUYTITI PANARÁ





Água é vida para o mundo.
Sem água o mundo não existiria.
Assim como a floresta é para os povos indígenas.
Sem ela também não existiria vida.

Soti-I Panará

PANARÁ

Durante muito tempo, os povos tradicionais da etnia Panará viveram com suas famílias em meio às matas e cerrados no norte do Mato Grosso, especificamente onde hoje se localizam os municípios de Peixoto de Azevedo e Matupá. Foi a partir da abertura da BR 163, que ligaria Cuiabá/MT a Santarém/PA, que esses povos tiveram sua história e seu futuro terrivelmente transformados pela presença inesperada do não indígena em seu território.

Depois de longos meses e várias tentativas, finalmente ocorreu o primeiro contato com esse povo. Os irmãos Vilas Boas conseguiram, então, os primeiros contatos com os "índios gigantes" ou "Kreen Akarore". Índios gigantes, por conta do porte físico daqueles que viviam às margens do rio Peixoto. Eles não imaginavam que, a partir daquele momento, suas vidas corriam perigo e toda comunidade seria comprometida pelas várias doenças, epidemias, surtos e fome, o que quase dizimou este povo. Quase entrando em extinção, em janeiro de 1975, os panará finalmente foram transferidos pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI) para o Parque Indígena do Xingu. Mesmo após estarem em contato com outros parentes, estavam muito debilitados, não suportavam qualquer virose, por mais leve que fosse, e os óbitos continuavam.

Deslocando-se para vários pontos ao redor do Xingu, não conseguiam se adaptar. Mas o sonho do retorno ao seu território era o que os motivava a não desistir e continuar lutando pela reconquista e reconhecimento de sua história e seu povo. Foi em março de 1997 que, finalmente, tiveram o reconhecimento de seu território, quando o Ministério da Justiça declarou de posse permanente a Terra Indígena Panará, localizada no limite dos municípios de Guarantã do Norte-MT com o município de Altamira-PA. Começando então, mais uma vez a transferência em busca de residência fixa com o seu povo, mas, dessa vez, estavam certos de que, ao chegarem ao seu território de origem, a mortalidade iria desaparecer. Entre homens, mulheres e crianças, aproximadamente 135 indígenas tomaram posse definitiva de sua terra. E realmente foi o que aconteceu; hoje, após 25 anos de retorno, os Panará se orgulham ao contar toda a sua trágica história com um final feliz, mesmo depois de muita dor e sofrimento.

Ocupando uma área de aproximadamente 500 mil hectares, localizada a 200 km do município de Guarantã do Norte, a população Panará se encontra dividida em sete aldeias. Sua população hoje conta com aproximadamente 700 habitantes, todos falantes da língua Jê.

Sua alimentação é baseada na caça, pesca e coleta de frutos. As atividades rotineiras são divididas entre os clãs (famílias). Homens e mulheres trabalham diariamente em prol do sustento de suas casas. As crianças, desde muito cedo, já começam a aprender com os anciãos, que mantêm vivas suas tradições, entre elas o aprendizado por meio da observação e repetição do que os adultos fazem.

Os artesanatos e artefatos demonstram a beleza que esse povo carrega em cada detalhe do que confeccionam com tanto zelo e dedicação. Tarefas que também são divididas entre homens e mulheres, sendo as mulheres responsáveis pelos artesanatos (pulseiras, colares e brincos) e os homens pelos artefatos, como cocares, arcos, flechas, cestos, entre outros.

A sociedade Panará é estruturada em torno de uma forte conexão com a natureza. Eles praticam a agricultura, a caça e a pesca, respeitando o equilíbrio ecológico de seu entorno. Suas práticas culturais incluem danças, músicas e rituais que são fundamentais para a transmissão de conhecimentos e valores entre as gerações. A arte corporal, com pinturas e adornos, também desempenha um papel significativo na expressão de sua identidade cultural.

A resistência e a resiliência do povo Panará são um testemunho da força de suas raízes culturais. Eles continuam a inspirar e educar sobre a importância da diversidade cultural e dos direitos dos povos indígenas no Brasil. Sua história é um convite à reflexão sobre a convivência harmônica entre diferentes culturas e a necessidade urgente de proteção dos territórios indígenas.

OBJETIVO

Este trabalho tem a finalidade de agregar não apenas à alfabetização na educação escolar indígena desse povo, mas também de fortalecer sua cultura e língua materna. Todo o desenvolvimento desse projeto parte da Ação Saberes Indígenas na Escola, em parceria direta com a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Propõe-se aos profissionais da educação, educandos e a todos os pertencentes à comunidade indígena e não indígena a oportunidade de uma educação de qualidade, de modo que a língua materna não seja esquecida ou suprida pela língua nacional, mas que favoreça ambas.

Entretanto, a educação bilíngue, se não for aplicada de forma adequada, resultará improdutiva, uma vez que, de um lado, têm-se os problemas decorrentes da escassez de pesquisa científica sobre a língua indígena e, de outro, em relação à alfabetização na língua portuguesa, existe a dificuldade do ensino que abranja concepções do português culto, falado e/ou regional.

Não se trata de tornar os povos indígenas objetos de estudo, mas de contribuir de forma colaborativa para que cada comunidade reflita sobre sua origem, cultura, crenças, rituais e costumes. Tornando a pesquisa um ponto estratégico, leva-os a refletir sobre a autovalorização de seu próprio povo, inclusive de sua língua materna.

A educação escolar indígena é uma importante ferramenta para a promoção de uma educação intercultural que valorize as diferentes culturas existentes no país e respeite a diversidade cultural dos diferentes povos. Assim, afirma Zoia (2010, p. 69):

> A consequente dizimação de diversos povos e línguas indígenas pode ser creditada a este processo de exploração econômica e cultural pelo qual estas sociedades foram submetidas durante séculos e que conduziu necessariamente a uma perda de identidade para os povos que sobreviveram. Diversos povos indígenas começaram a se organizar na tentativa de reverter esse processo de dizimação cultural e umas das ferramentas para atingir esse objetivo passou a ser a escola. Neste contexto, a educação passa a ser vista como uma das formas de manter

> a alteridade do povo, mantendo acesa a vivência socioeconômica e cultural de cada grupo. Sendo assim, os materiais didáticos em língua indígena e a própria escrita destas línguas, além da contratação de professores indígenas, se constituem em conquistas importantes para a divulgação dos saberes historicamente acumulados (ZOIA, 2010, p. 69).

A educação escolar, quando realmente assumida pelos indígenas, torna-se importante para a preservação dos saberes e práticas tradicionais desses povos. Aprendizados que muitas vezes não são encontrados nos currículos das escolas tradicionais, mas que são essenciais para que os estudantes mantenham viva sua identidade cultural.

Ao promover o ensino da língua portuguesa e das línguas indígenas, a escola valoriza e preserva a diversidade cultural do país. O ensino da língua materna dos povos indígenas é fundamental para garantir a transmissão dos conhecimentos culturais e a preservação das tradições, facilitando a integração e o diálogo entre os povos indígenas e a sociedade como um todo.

Durante todo processo de organização desse material, realizamos diversos encontros com os professores e demais comunidade para realizarmos de forma conjunta todas as decisões e principalmente as traduções, para que esse trabalho esteja o mais autêntico possível de acordo com a gramática da Língua Panará. Nossa última conferência ocorreu durante o mês de junho/2026 com o objetivo de apresentar para todos os envolvidos a versão final e obter a aprovação de todos para os últimos encaminhamentos.

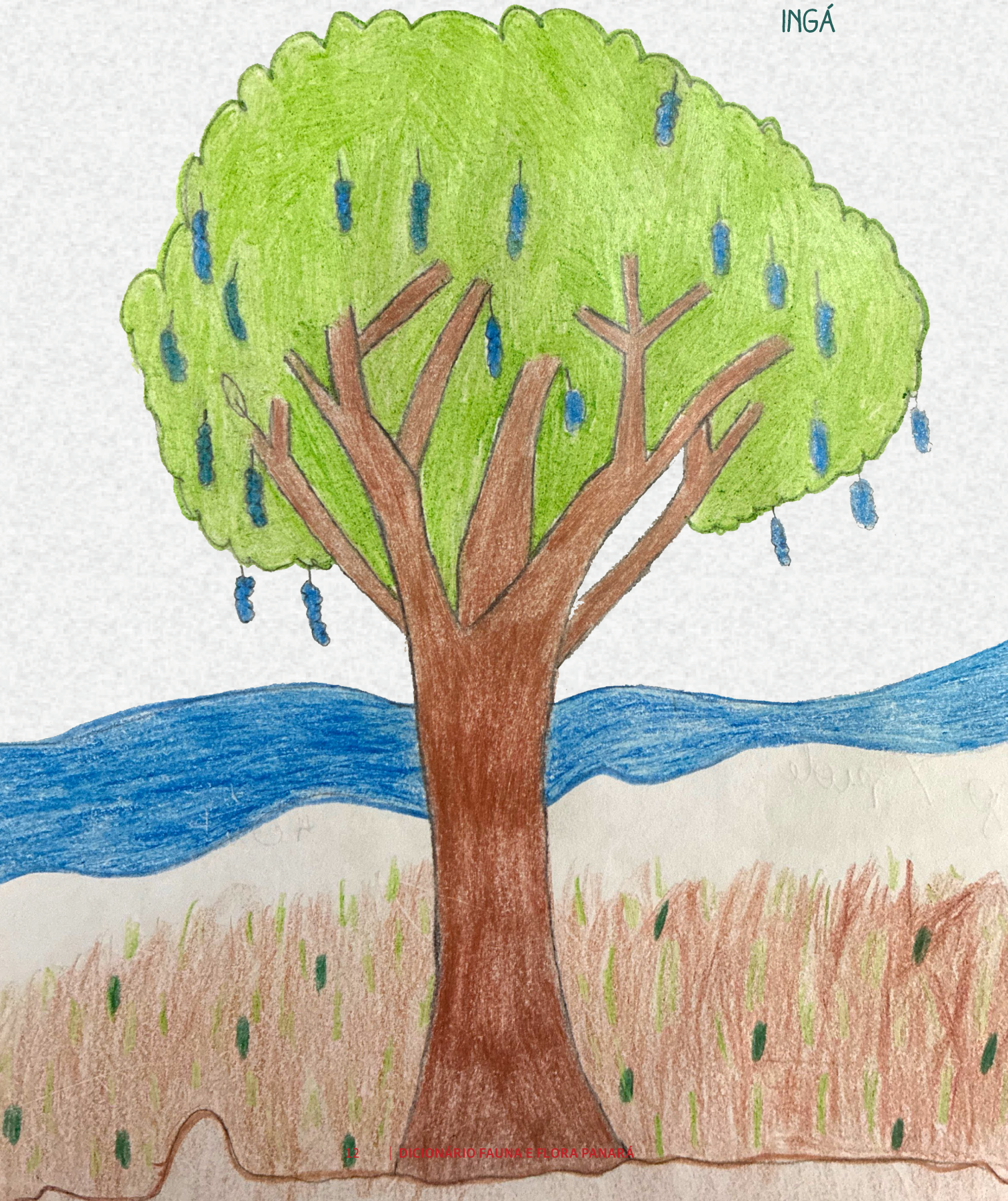
DICIONÁRIO FAUNA E FLORA

PANARÁ

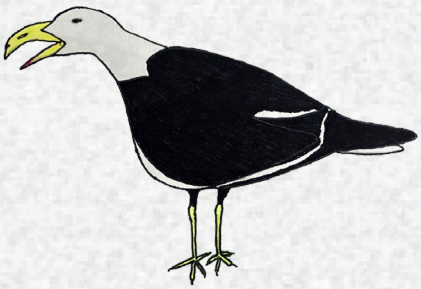


PIOTEPARI

INGÁ



A



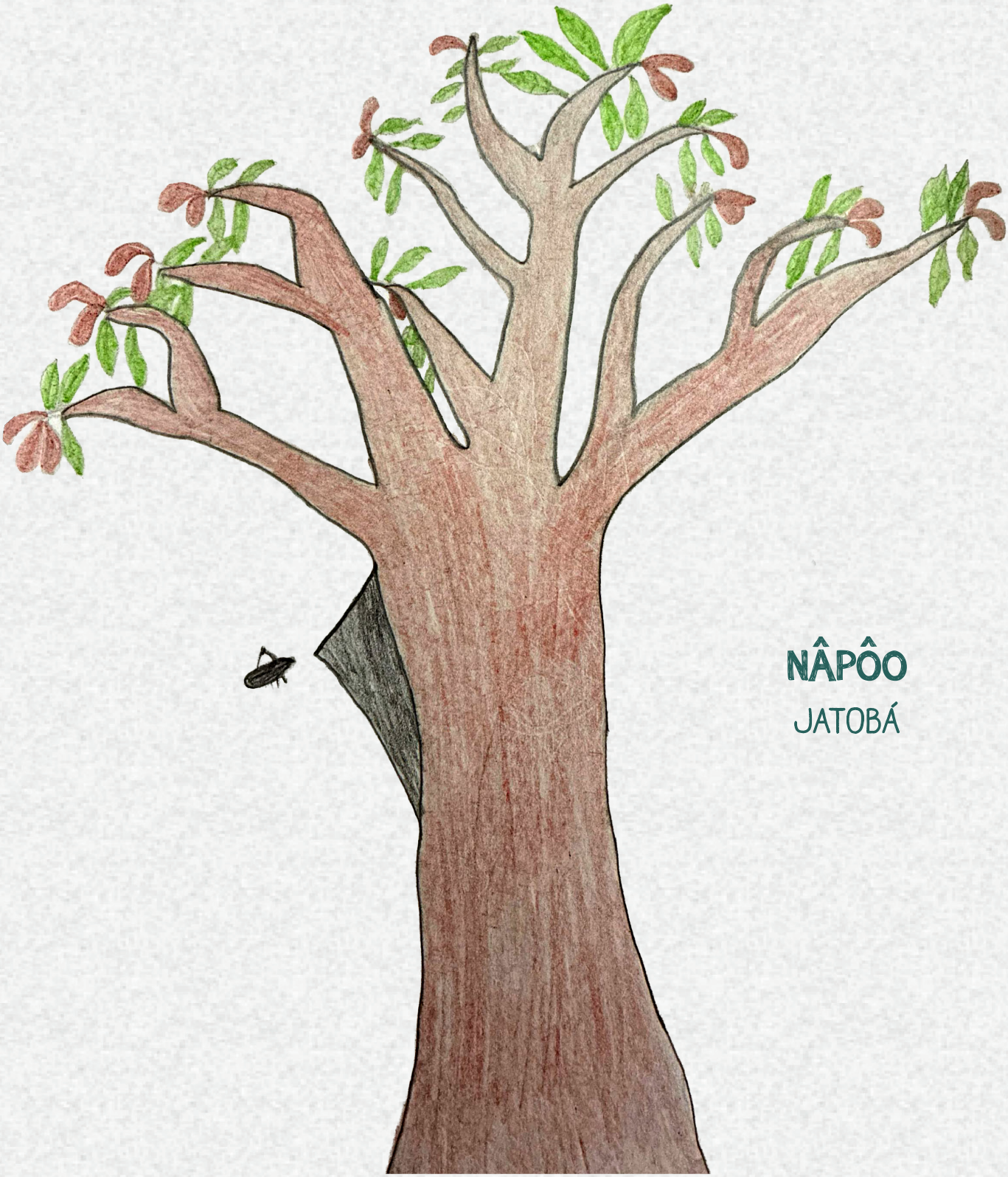
Ã-ÃJA

GAIVOTA



ASOO

ARRAIA



NÂPÔO

JATOBÁ

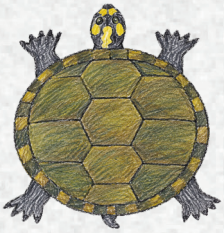
H



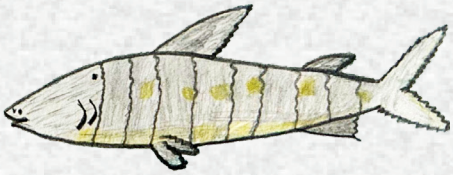
HAKÕ
LAGARTO



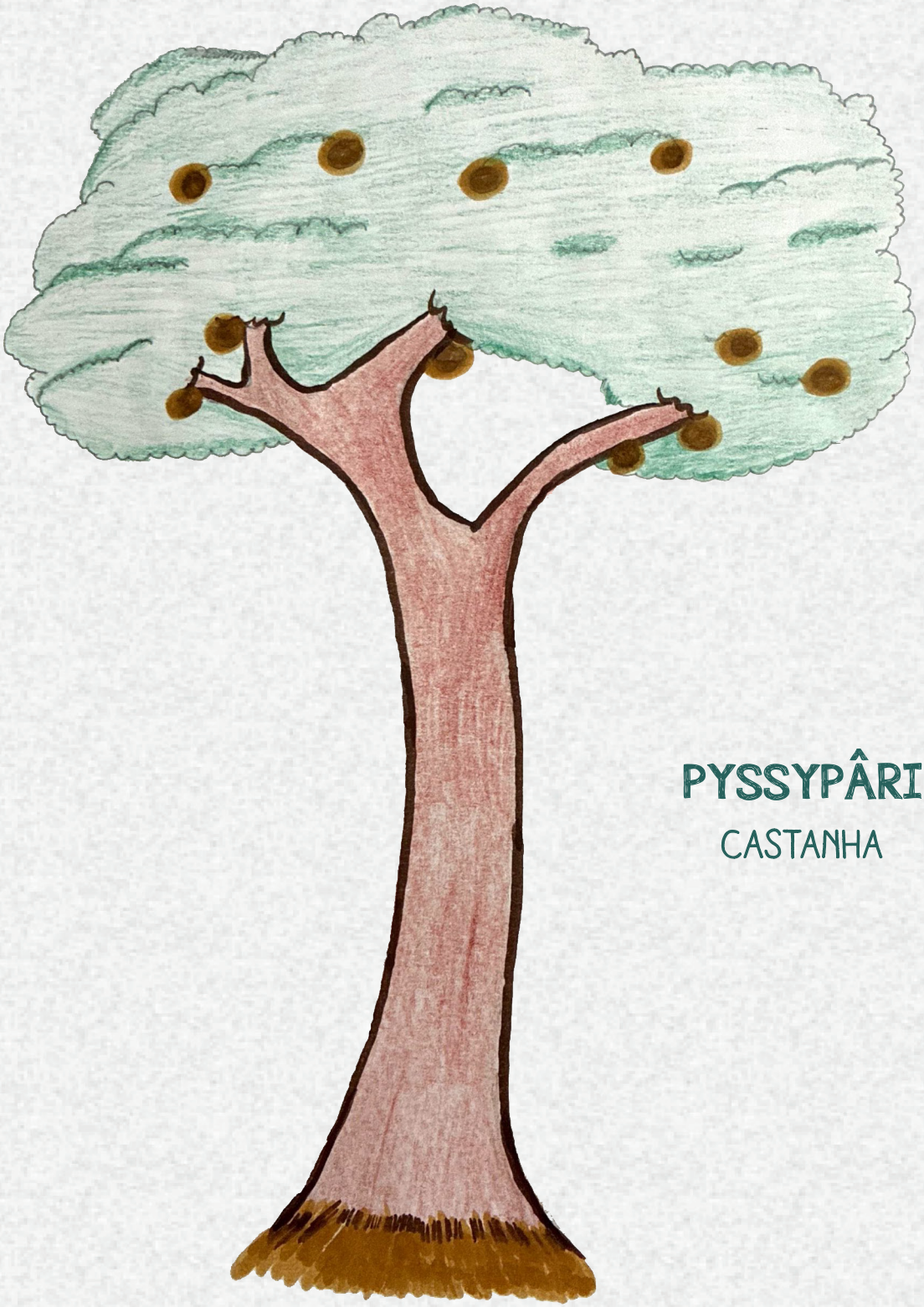
HAKUYTI
JABUTI



HAPJÃN
TRACAJÁ



HOKÂRA
DOURADO



PYSSYPÂRI

CASTANHA

I



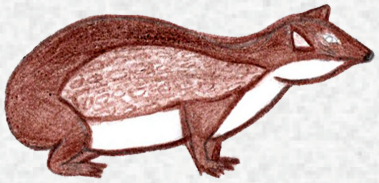
IKKJYTI
ANTA



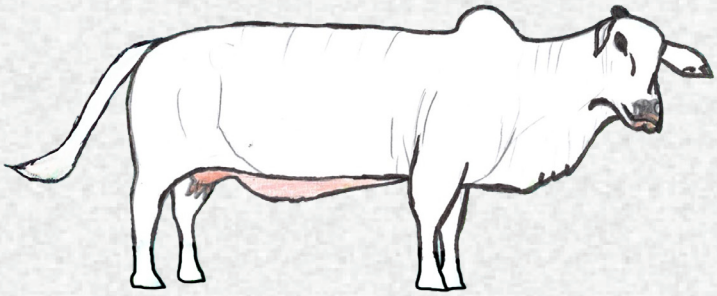
IKKÔN
MACACO-PREGO



INKÂRÃKRITI
ABELHA



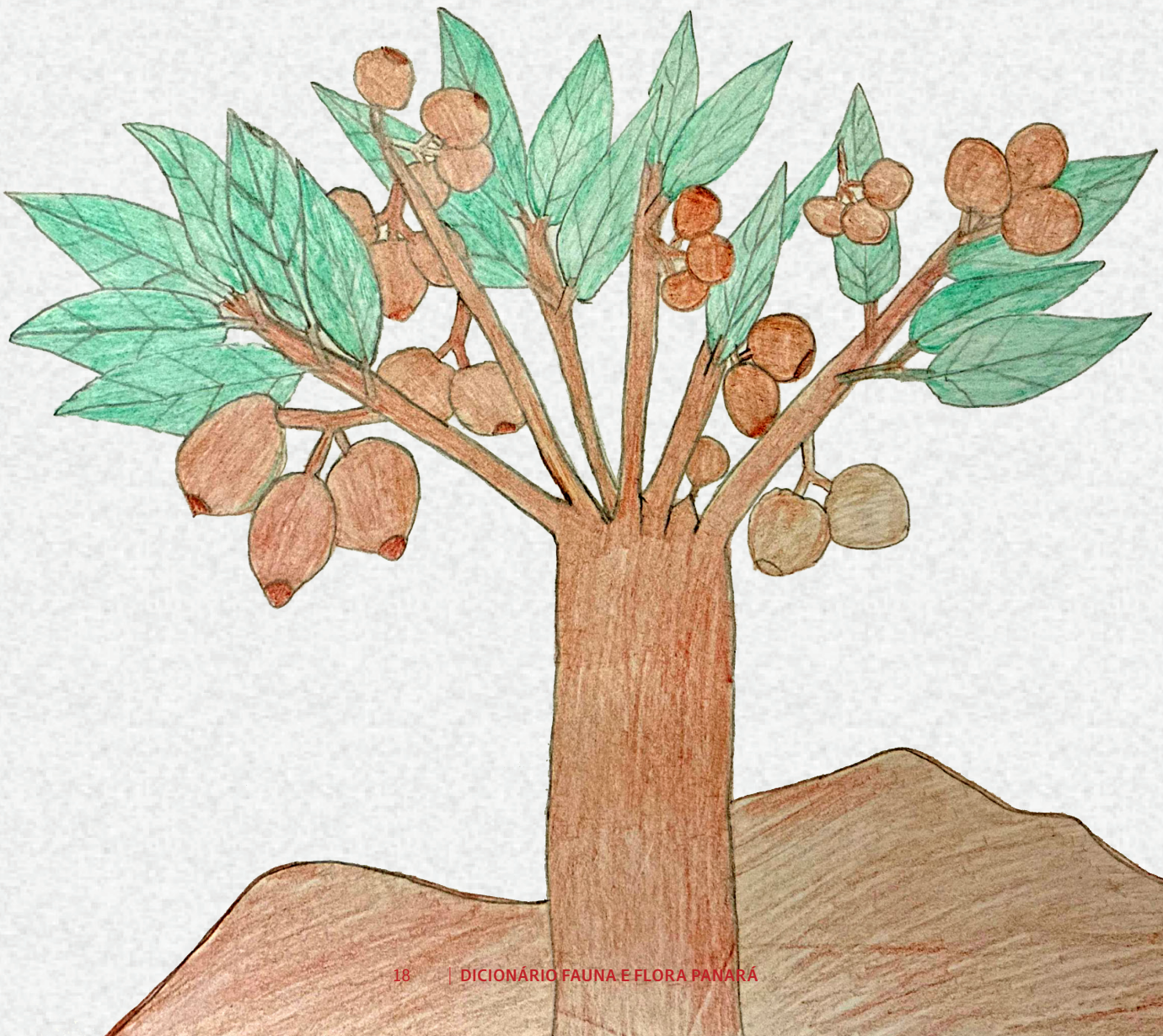
INKJA
PACA



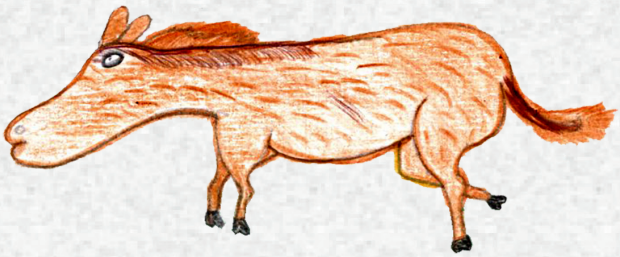
INPO
VACA

PIUTI

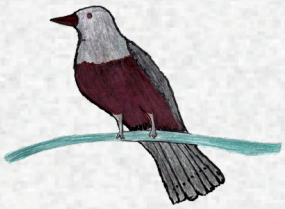
JENIPAPO



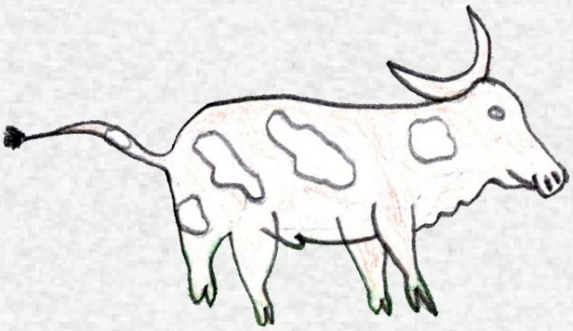
I



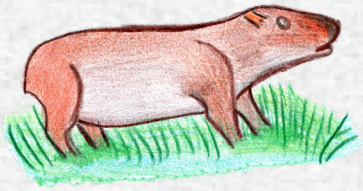
INPOKĨJY
CAVALO



INSWÂ
SABIÁ



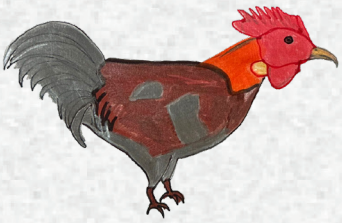
INPO
BOI



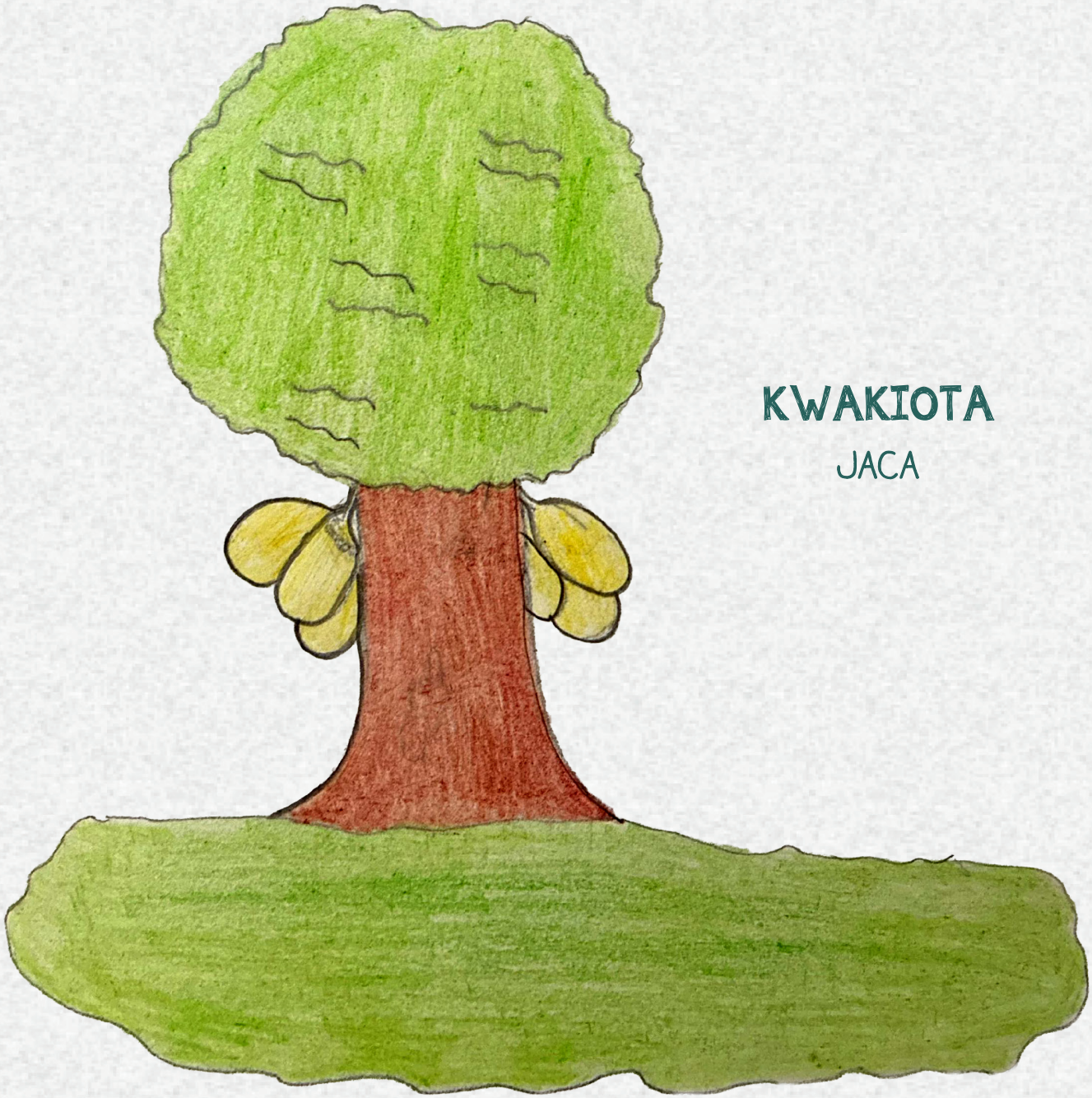
INTYN
CAPIVARA



ISSWYN HASÃN
GALINHA



ISSWYN SÜN
GALO



KWAKIOTA

JACA

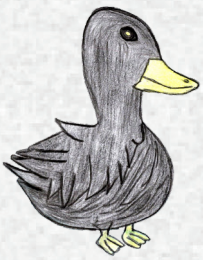
J



JÃSY
VEADO



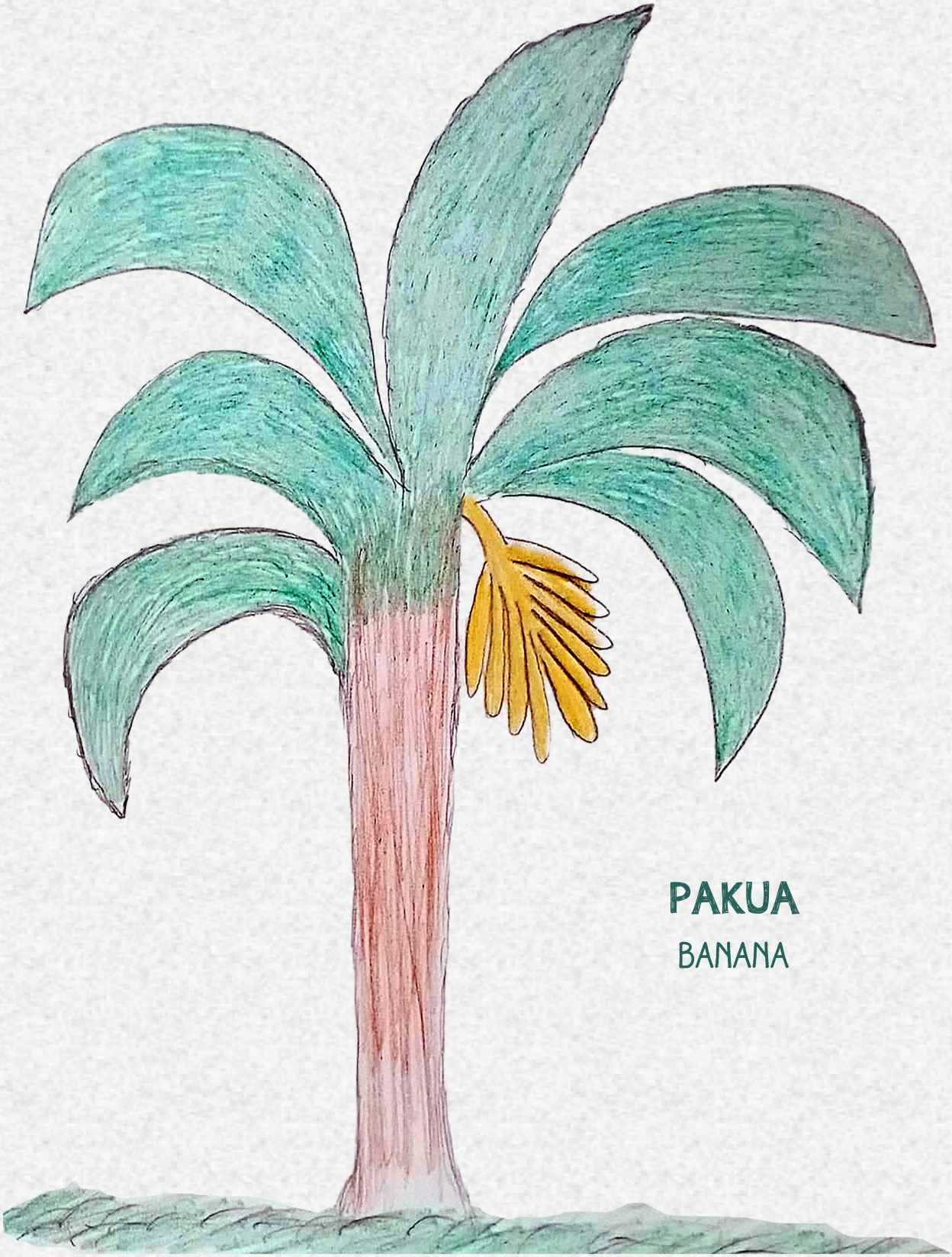
JOJO
BORBOLETA



JÕMÃTI
PATO



JÕKWEKWEN
TUCANO



PAKUA

BANANA

J



JOOSYPA

ANDORINHA



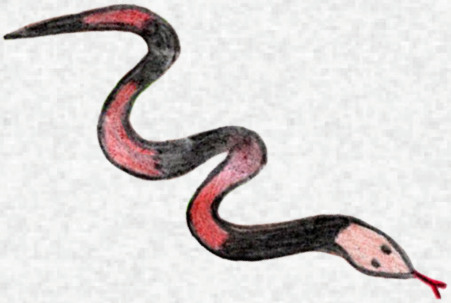
JOPYKÂÂ

GATO



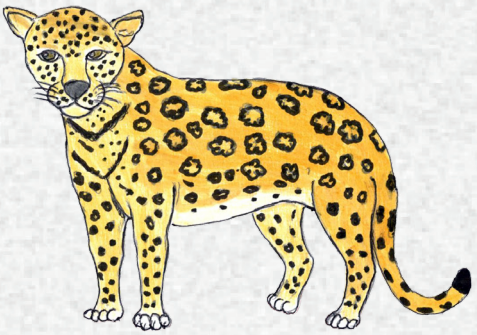
JÔRITI

CATITU



JÕNTO

COBRA-CORAL



JOKKJORI

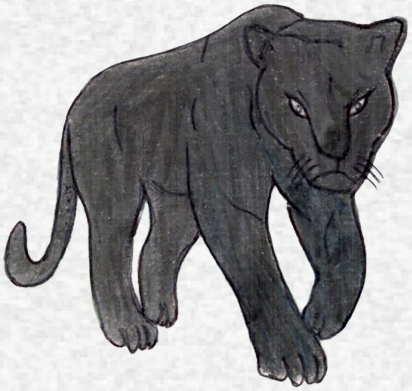
ONÇA-PINTADA



ROOJA

MACAÚBA

J
K



JOKKÂTY
ONÇA-PRETA



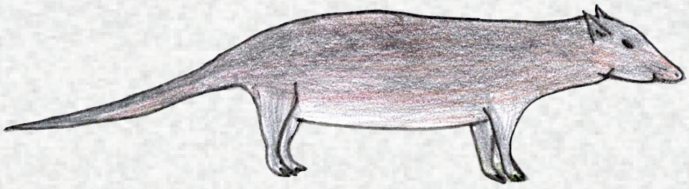
JOTI
SUCURI



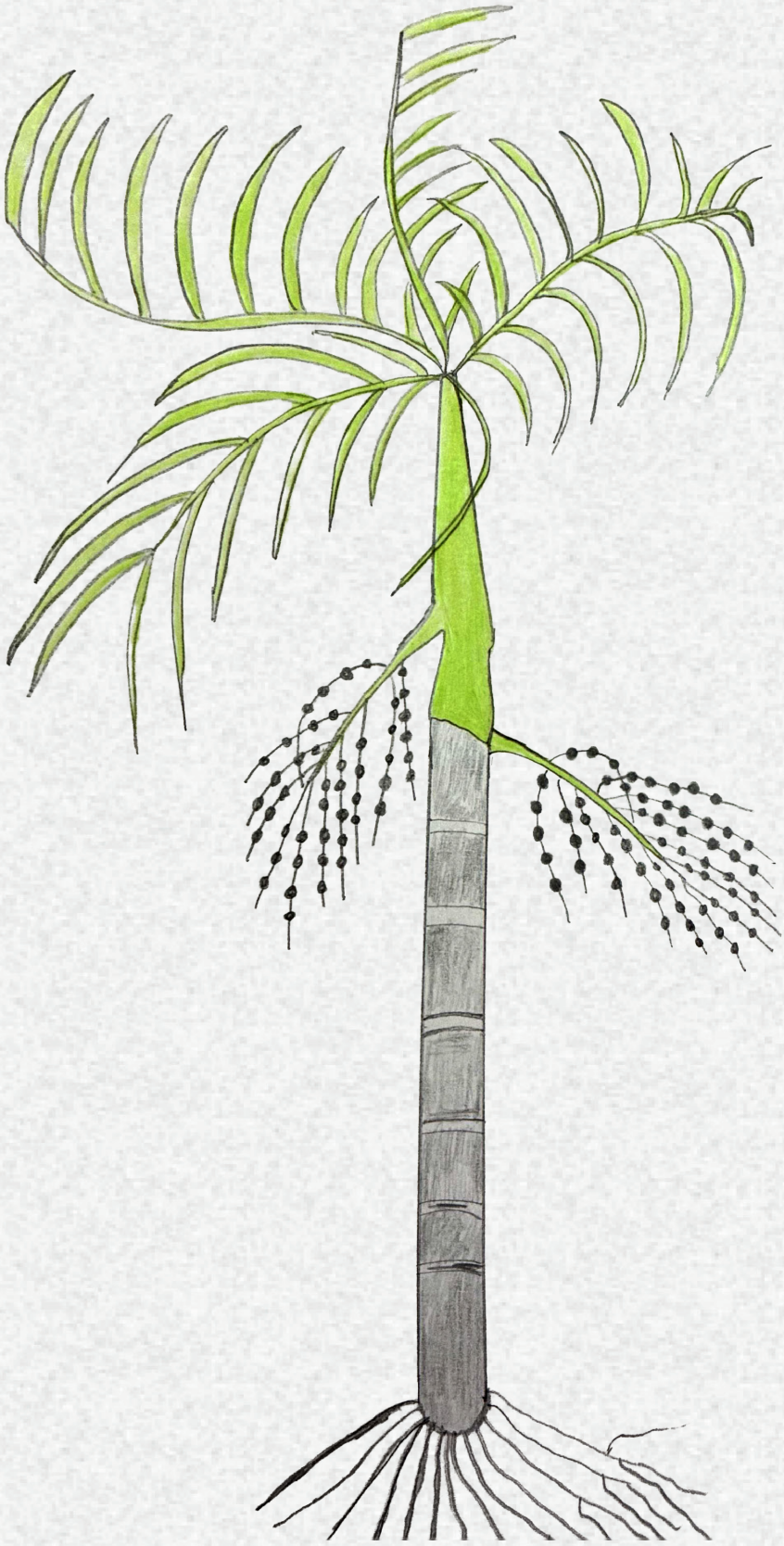
KÂNKÂA
JOÃO-DE-BARRO



KÂPOMÃ
BARATA



KJORÃ
GAMBÁ



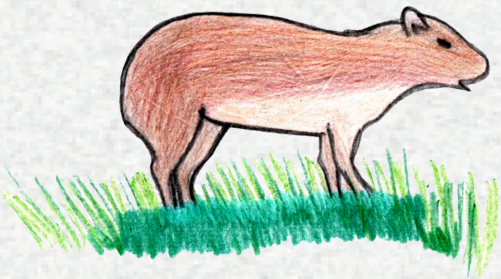
PÊIÂ

AÇAÍ

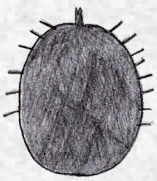
K



KJÃRÃSÂNSI
TUCUNARÉ



KJẼRÃSÂ
CUTIA



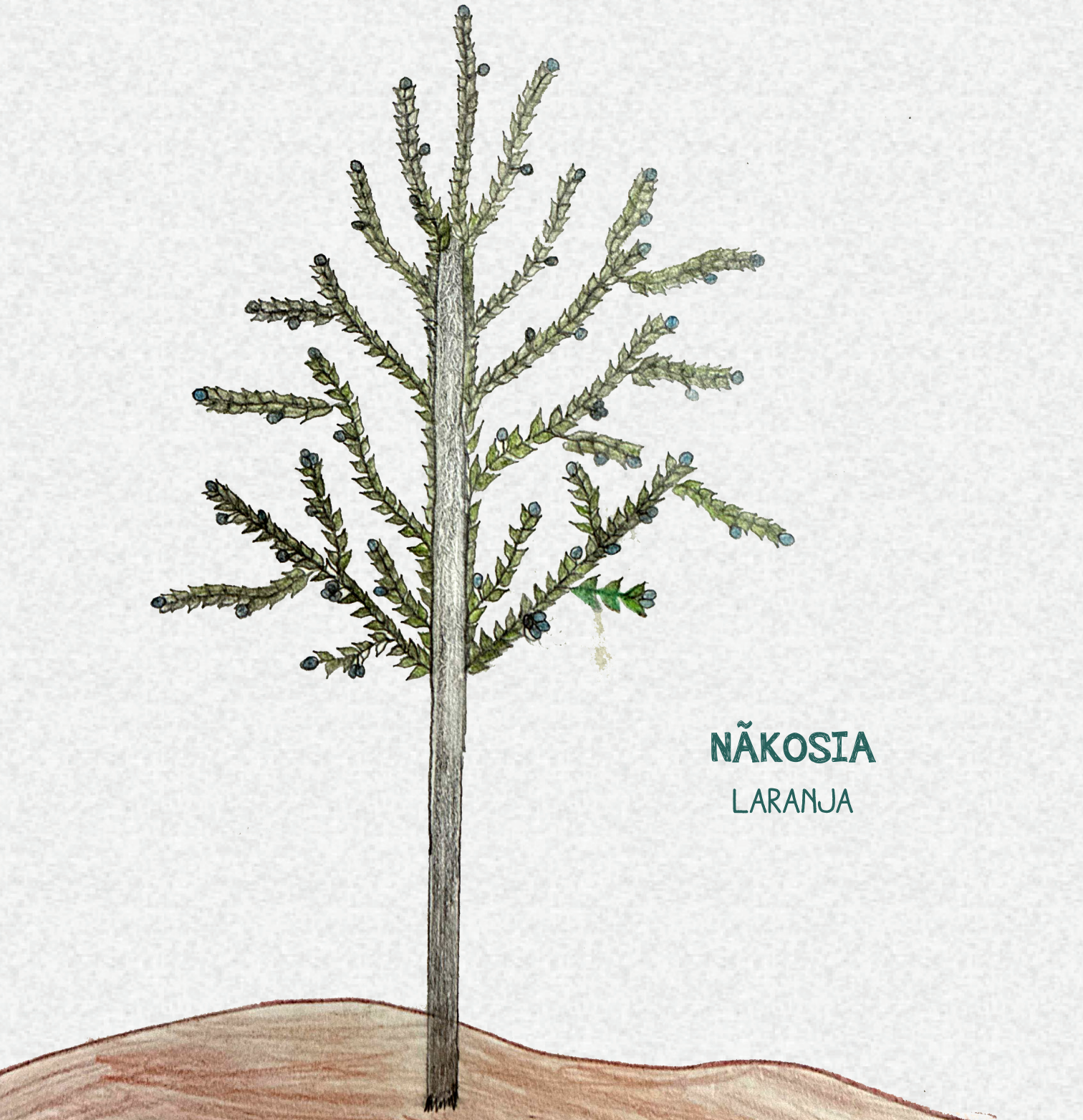
KJYTITÊ
CARRAPATO



KÔKÔTI
MOSCA



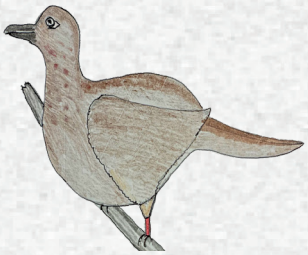
KWÂRÔ
PAPAGAIO



NÃKOSIA

LARANJA

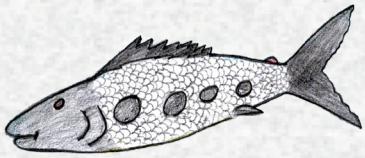
K



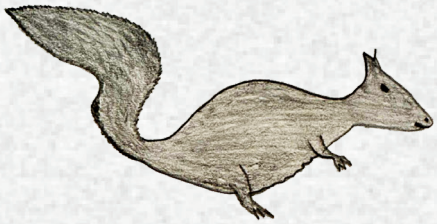
KÔTITI
POMBO



KRÂSITO
GRILO



KWÂRITI
PIAU



KÜNPASÂ
ESQUILO



KWAAPUPUTI
CARANGUEJO



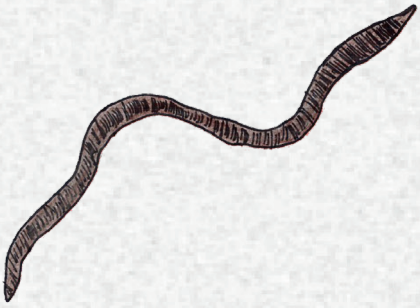
KUAKIÃ

ABACATE

K



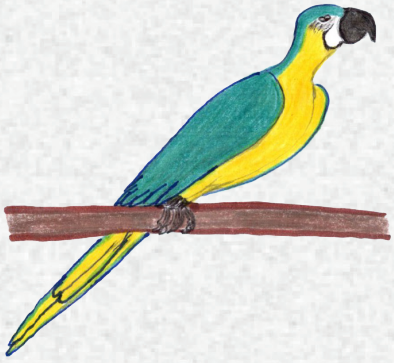
KWAAKRITI
MACACO-ARANHA



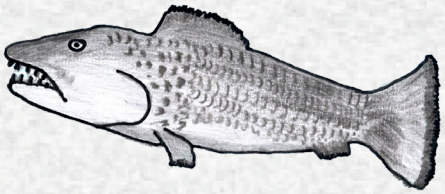
KWANSÔPY
MINHOCA



KWATOTI
SAPO



KWAKA
ARARA



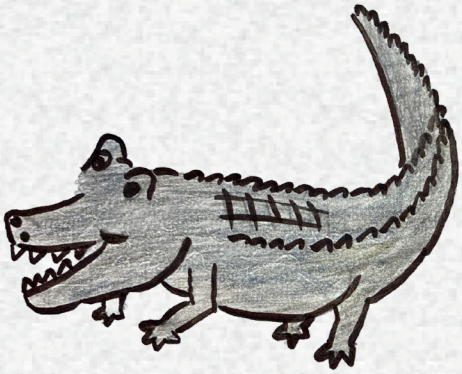
KUYTINSI
TRAIRÃO

SYPYSÂA

PEQUI



M
N



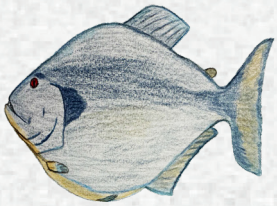
MĨ

JACARÉ



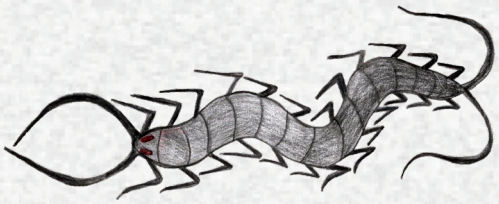
NÃNKÃÃKJÃN

LAGARTIXA



NÃNPÂN

PIRANHA



NÃNPÔN

LACRAIA



NÃNSÊPI

MORCEGO



KJÃSÃNSISY-PÂRI

CUMARU

N



NÃNSÔ

RATO



NÃNSÔN

URUBU



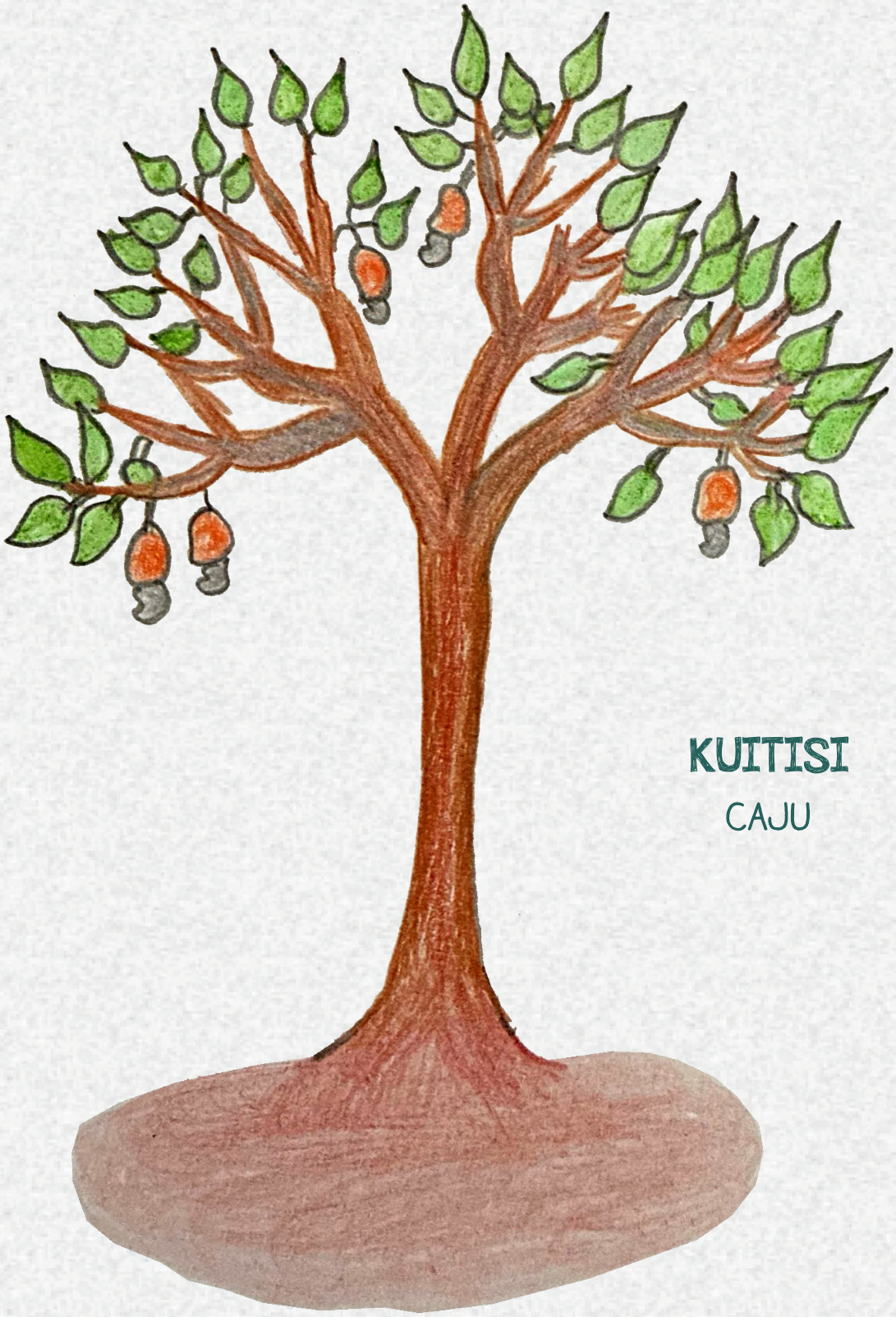
NÃNSÔNSI

COELHO



NÃNSY

MARIMBONDO



KUITISI

CAJU

P



PÃ

CORUJA



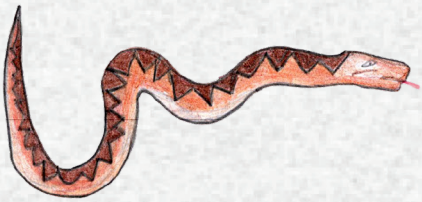
PAATÊ

PULGA



PÂTASÂ

PREGUIÇA



PATINSI

CASCAVEL



PÂTIRETI

TAMANDUÁ-MIRIM



ĨKUIA

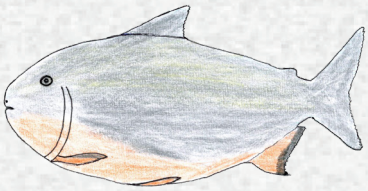
BURITI

P



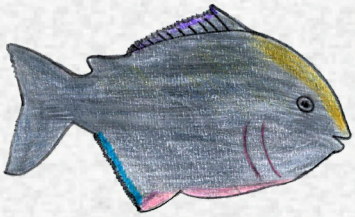
PÂTITI

TAMANDUÁ-BANDEIRA



PJOJAKÂRÃKJÃ

TAMBAQUI



PJOJA

PACU



PÕPÕ

GARÇA



PÔMÃNSI

MOSQUITO



PUSU

PERNILONGO



SOPO-A

CACAU

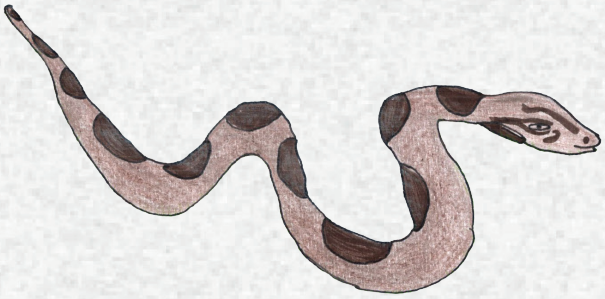
R
S



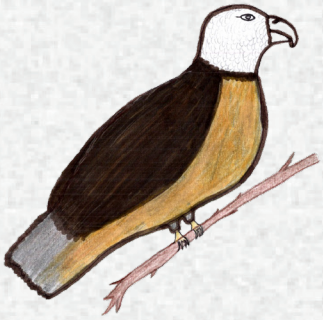
RÕKAA
JARARACA



SÂ
GAVIÃO



SÂKA
JIBÓIA



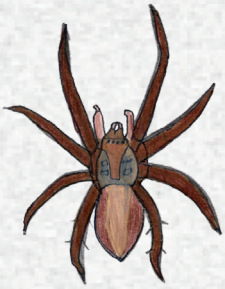
SAKRITI
ÁGUIA



MÃKA

MANGA

S



SÊSÂN
ARANHA



SIRÃKÔKÔN
BESOURO



SÂTIRÃSANPJÂ
FORMIGA



SÕKREPANPJÂA
JACU



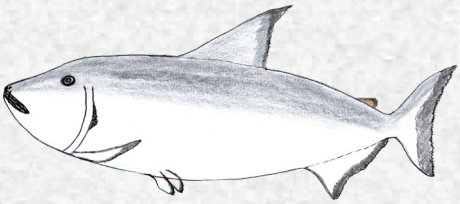
SOTI
RAPOSA

KWAKRITĨSI

MAMÃO



S



SWAA
CACHORRA



SOTI
CACHORRO



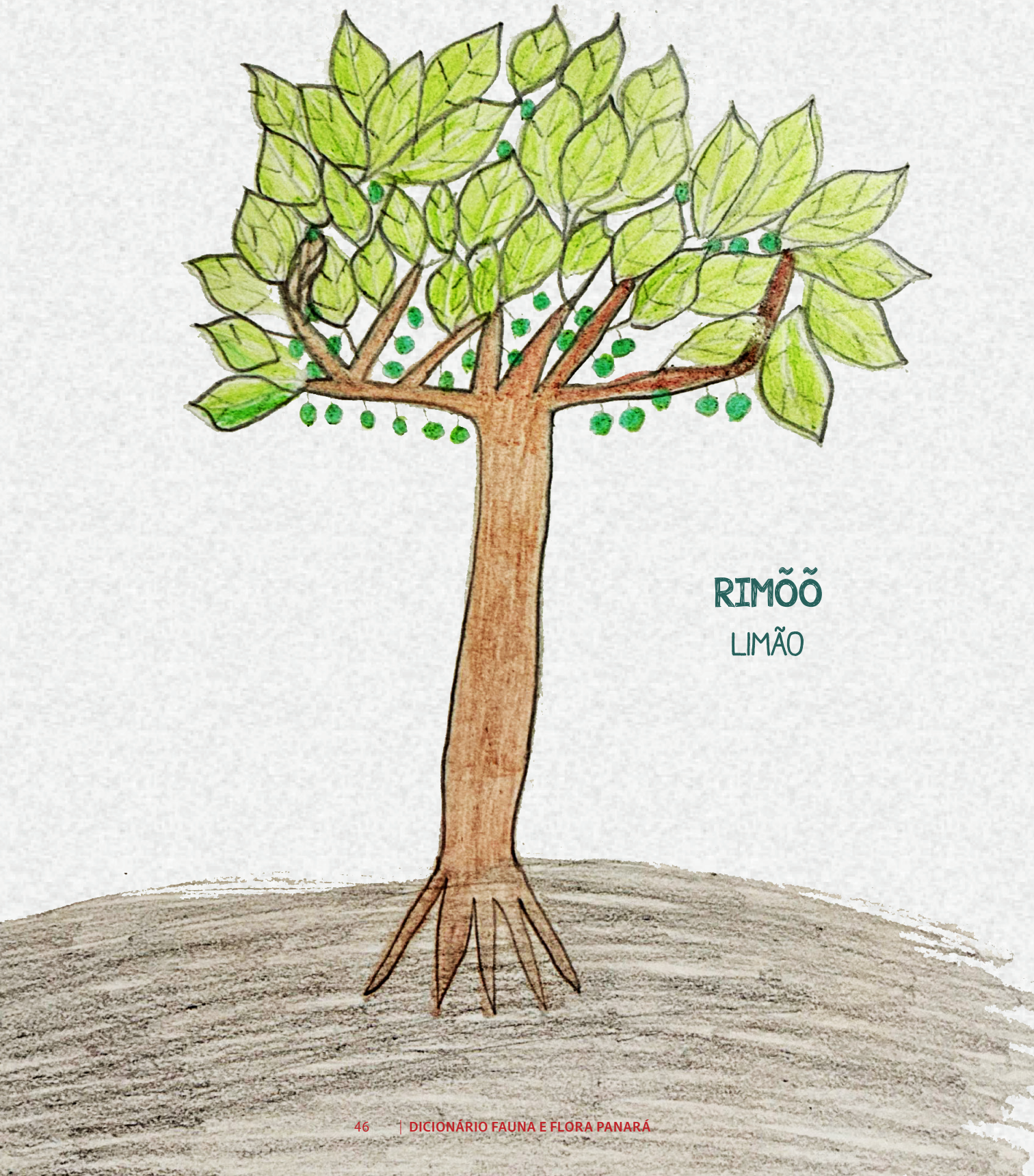
SWAKÕ
QUATI



SWASÂ
ESCORPIÃO



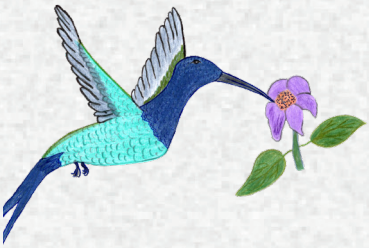
SWASIRÃ/NÃNKJÔÔ
PORCO



RIMÕÕ

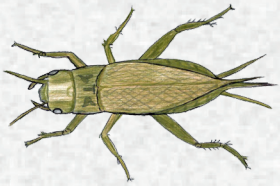
LIMÃO

S
T



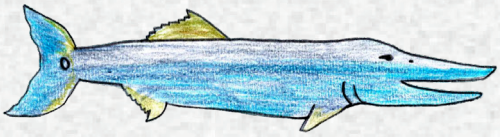
SWYRINKRENKRE

BEIJA-FLOR



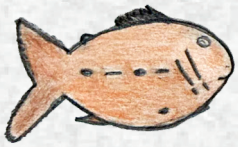
SYKA

GAFANHOTO



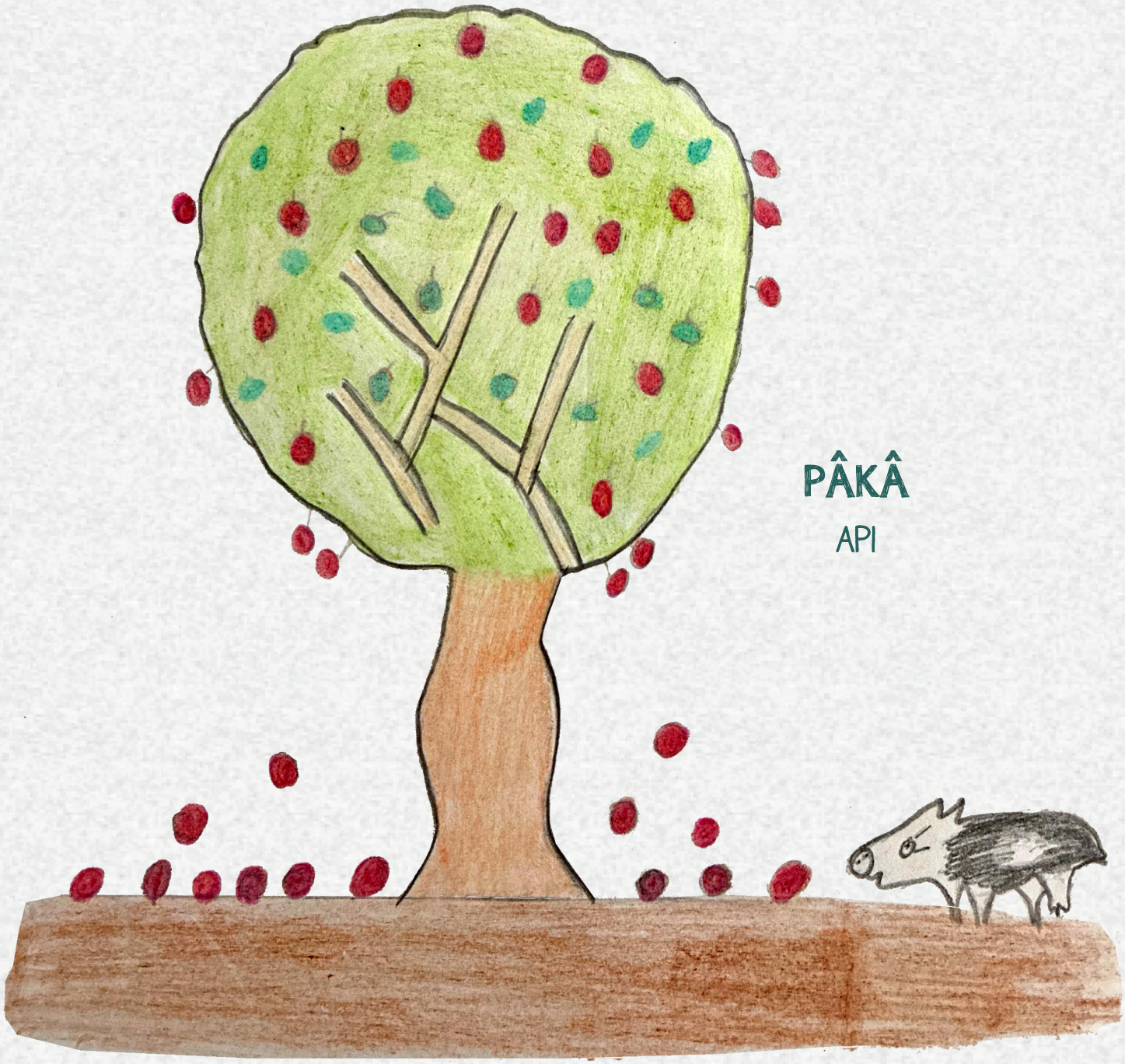
TOOSÔA

BICUDA



TOTÜMÃ

LAMBARI



PÂKÂ

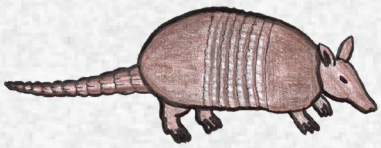
API

T



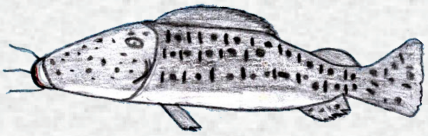
TOMÃKRITI

MUTUM



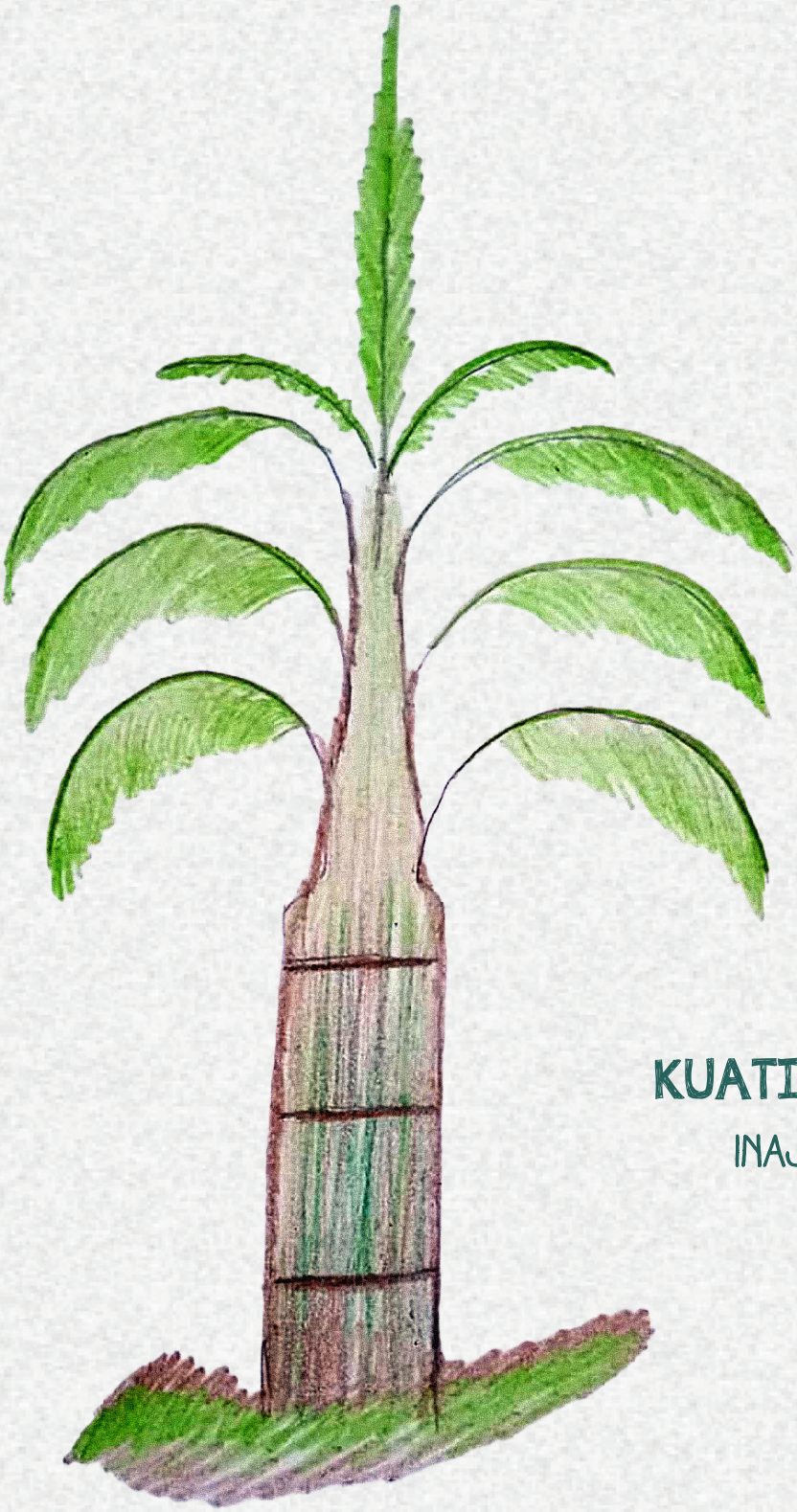
TÔN

TATU



TEPINSI

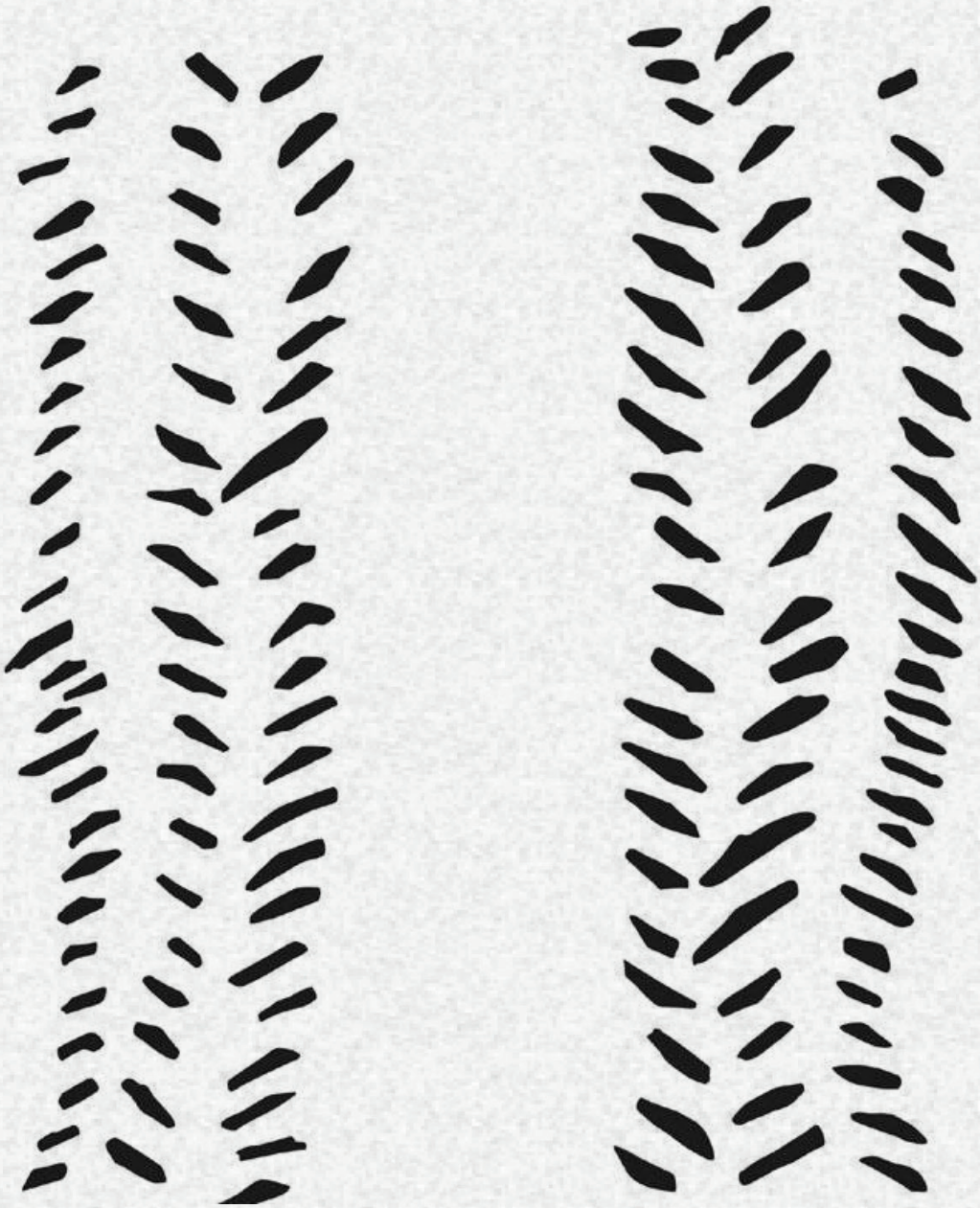
PINTADO

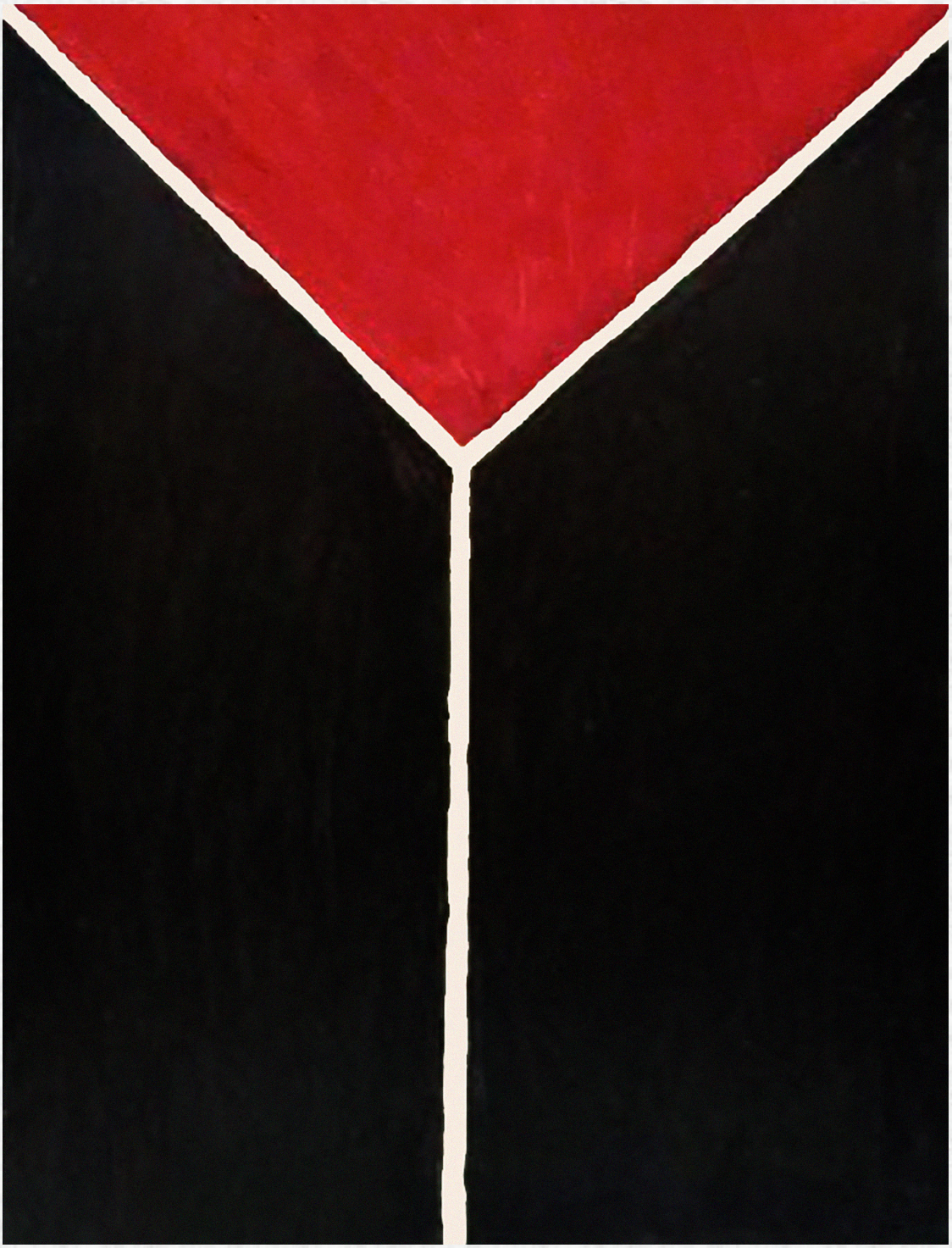


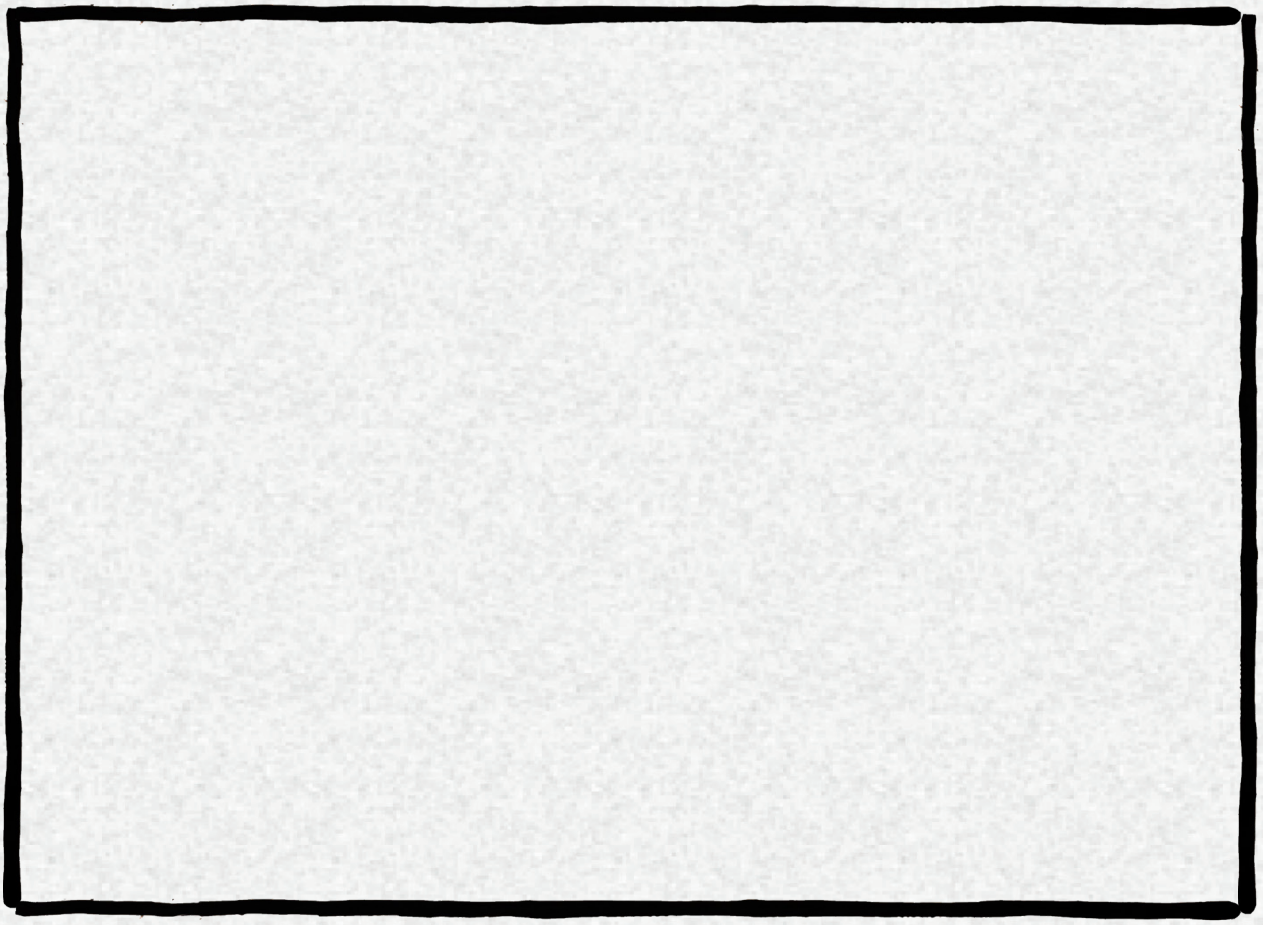
KUATIPÂRI

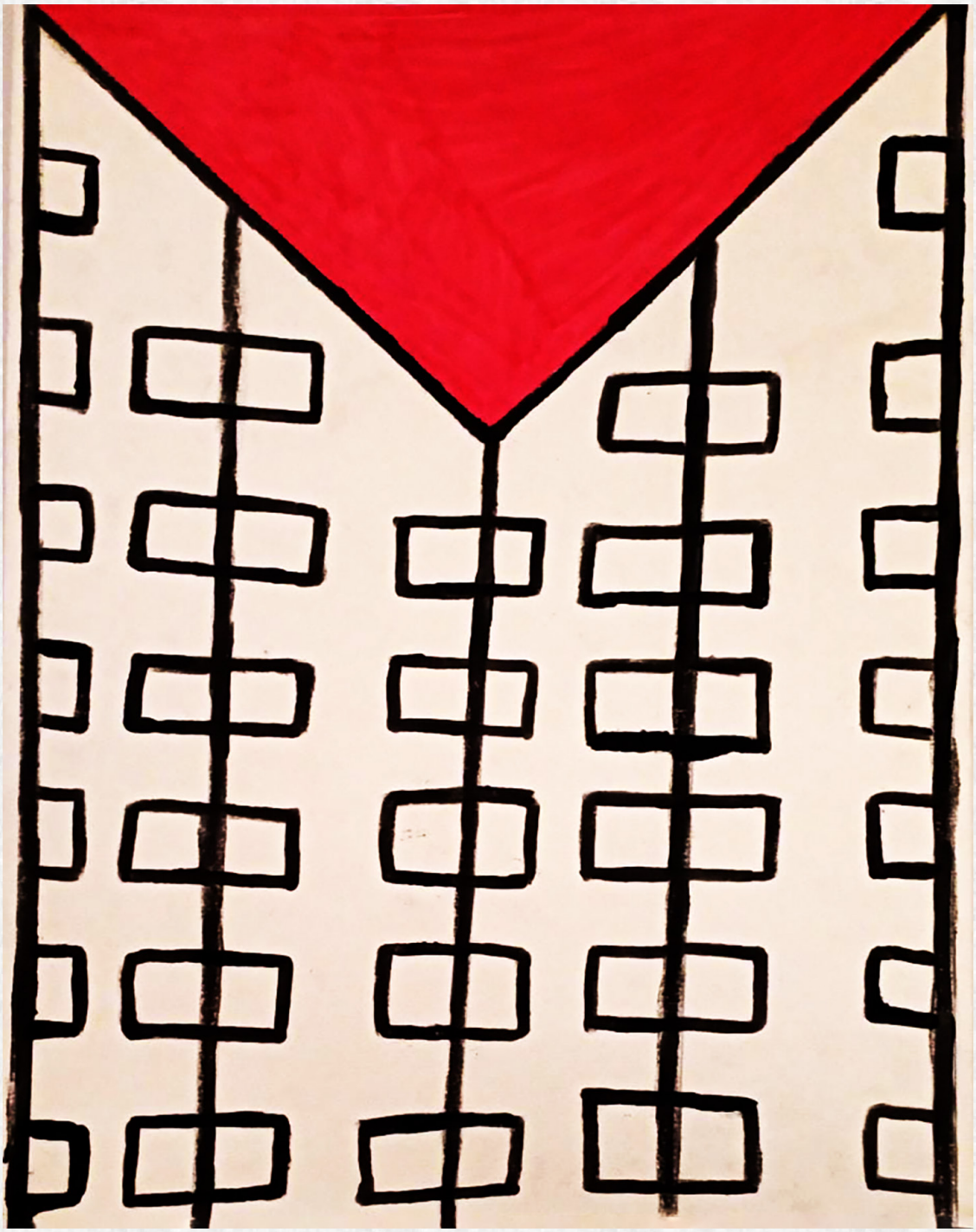
INAJÁ

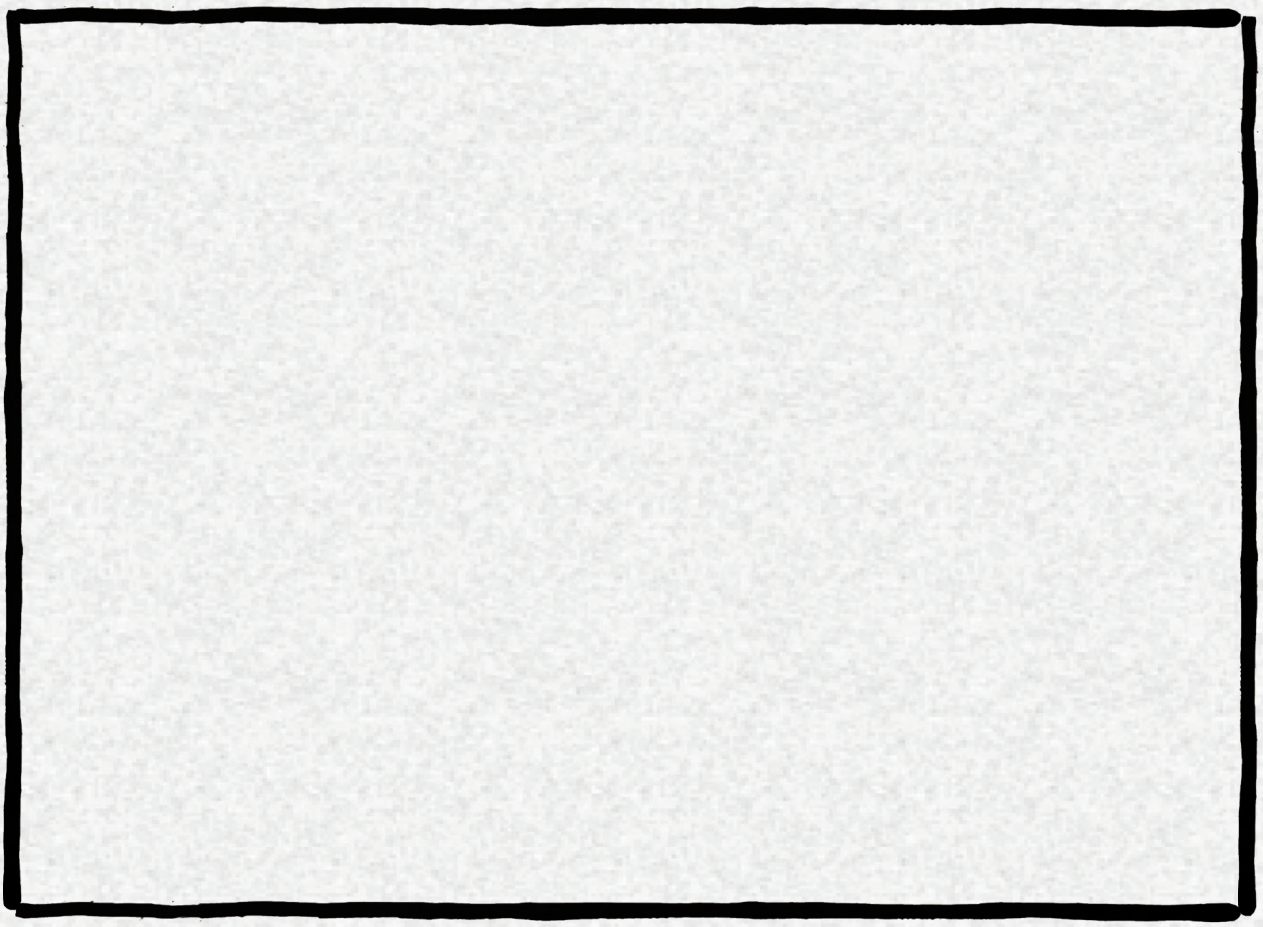
GRAFISMOS CORPORAIS
PANARÁ

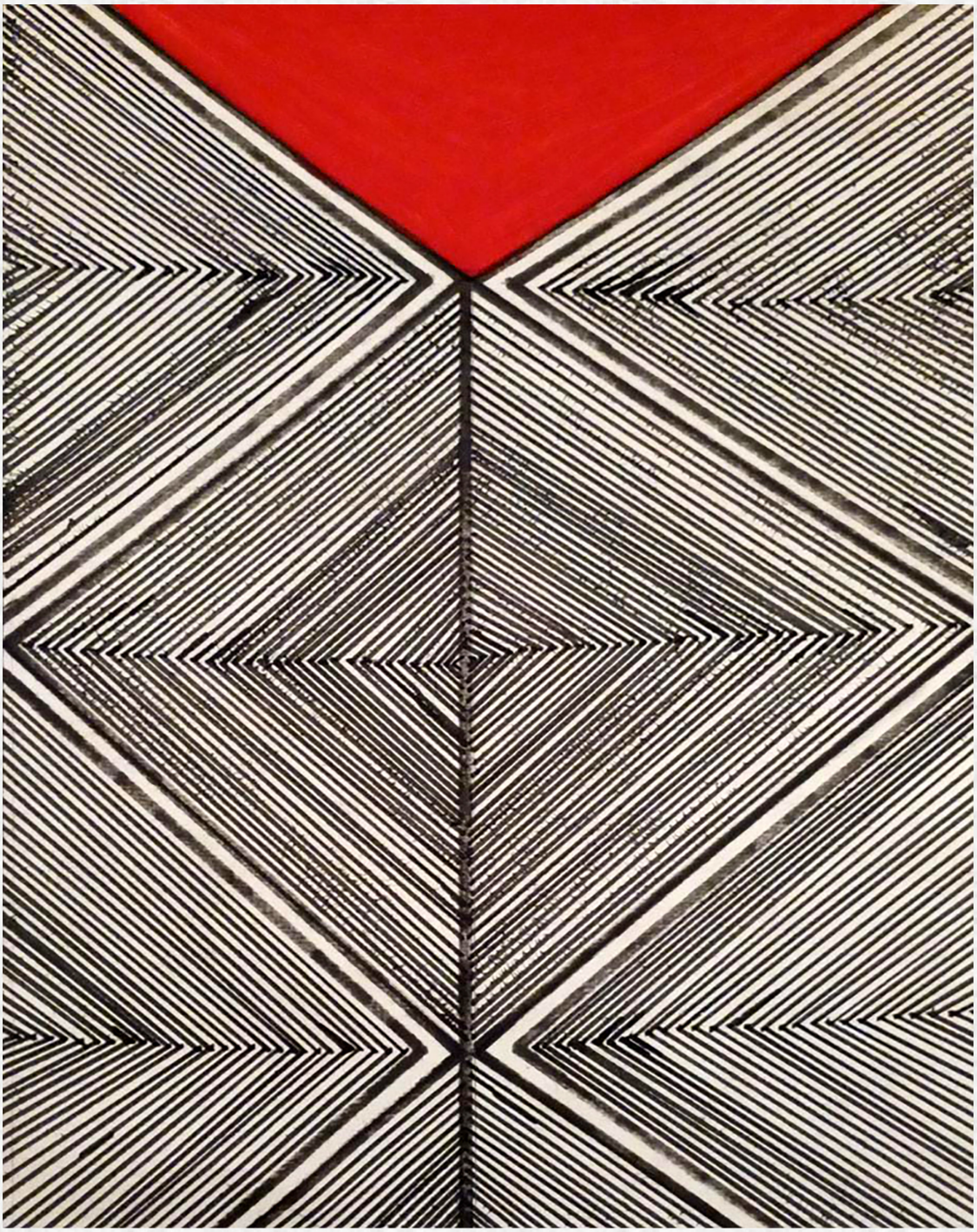


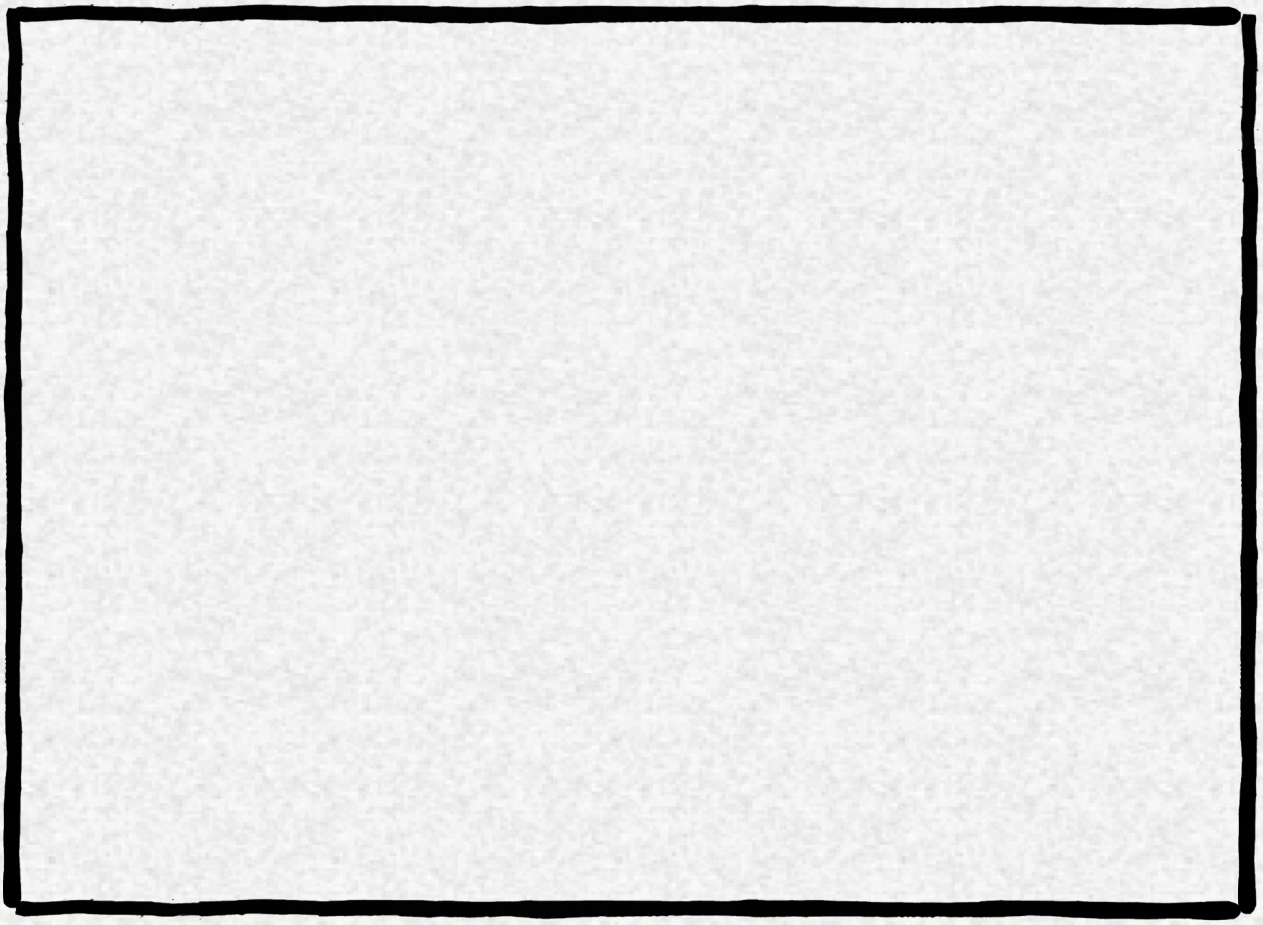




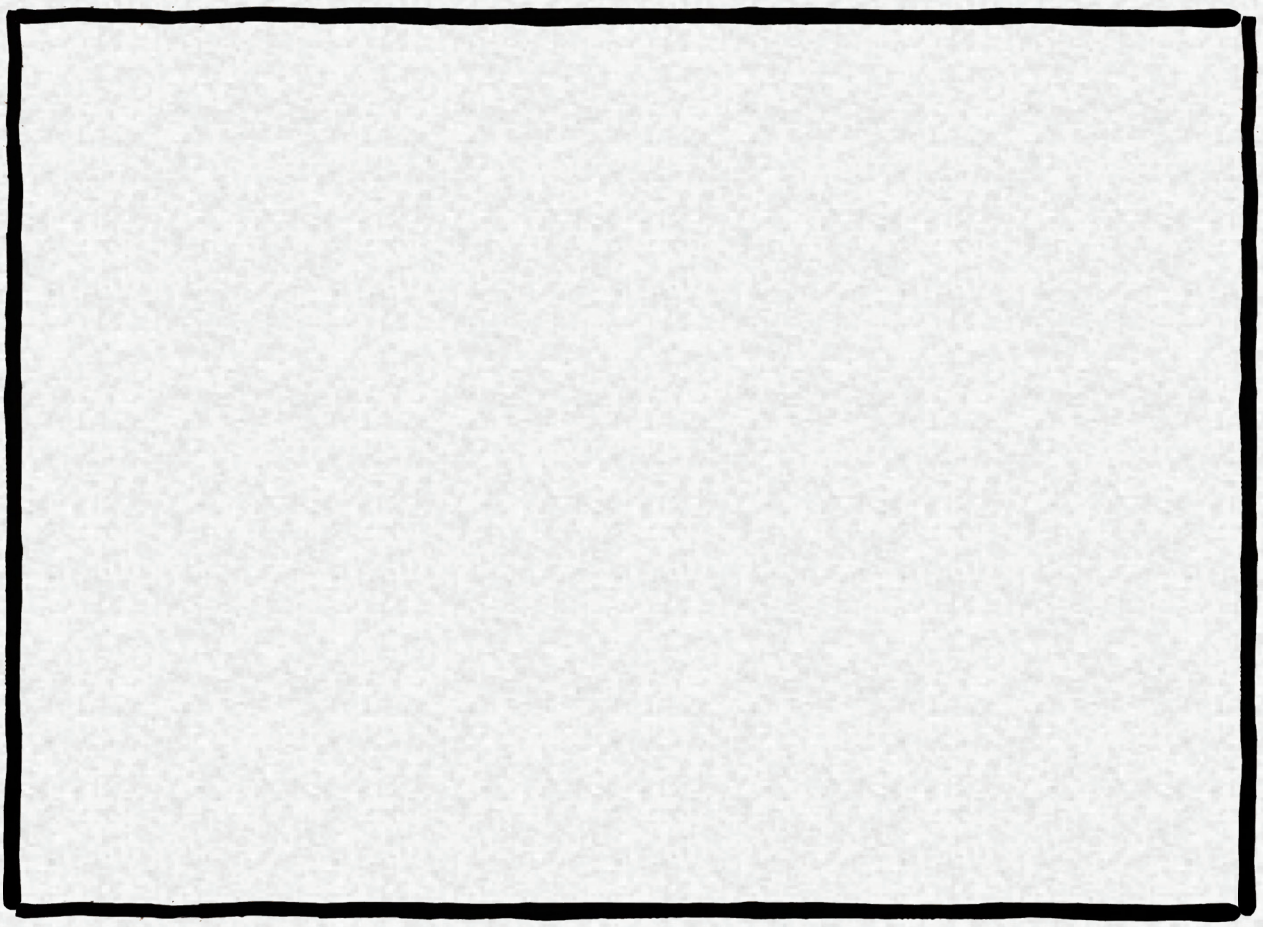


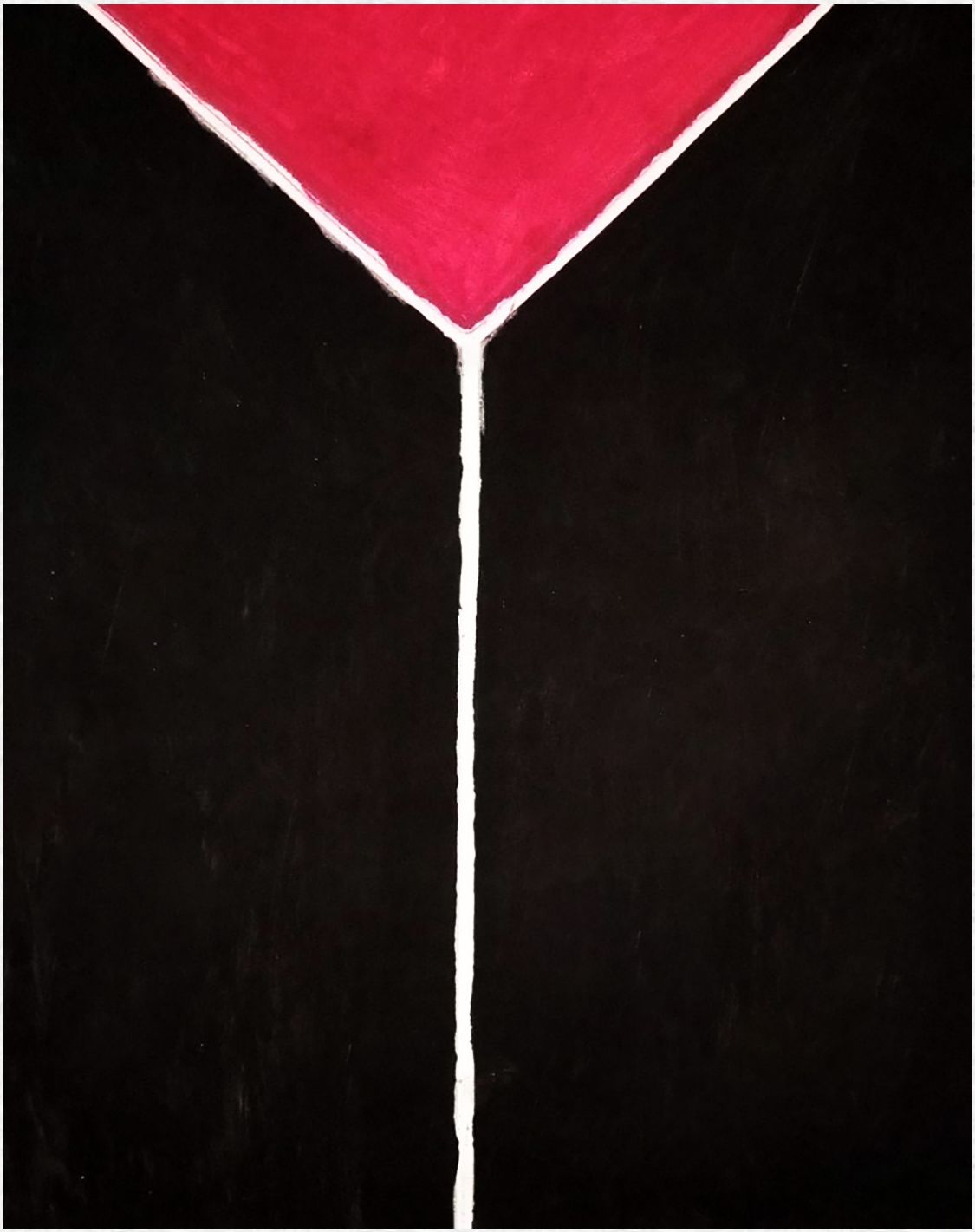


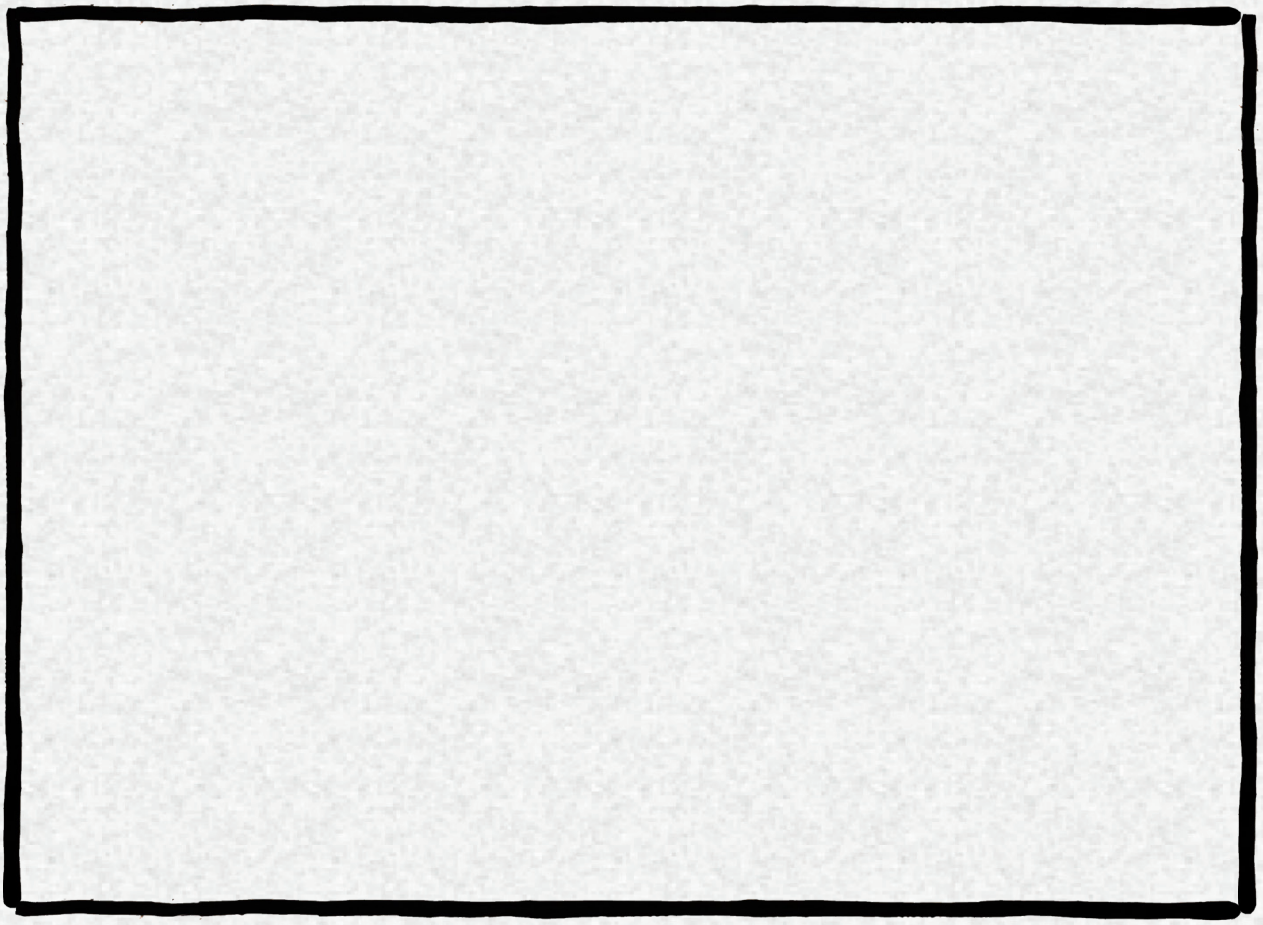




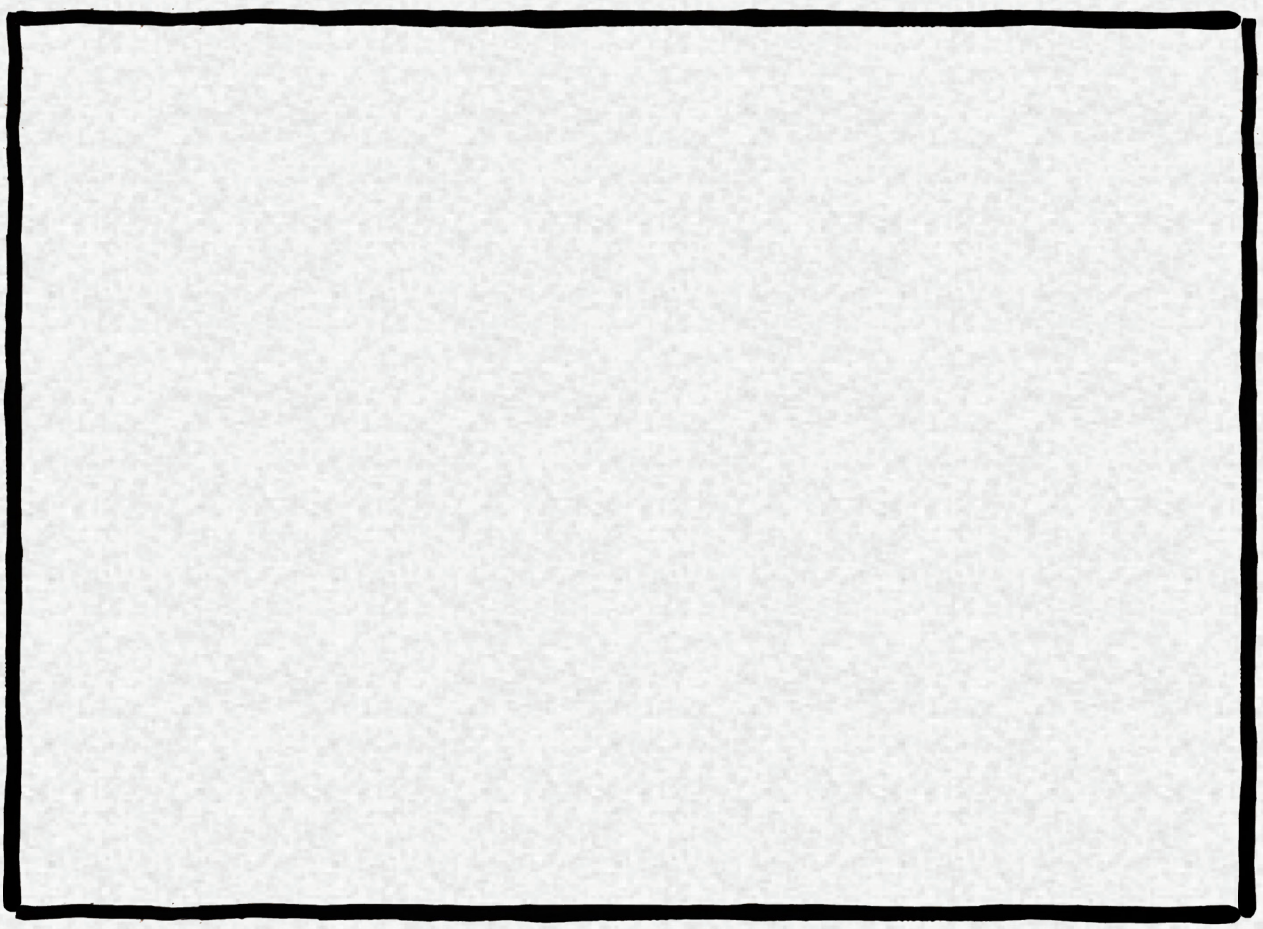


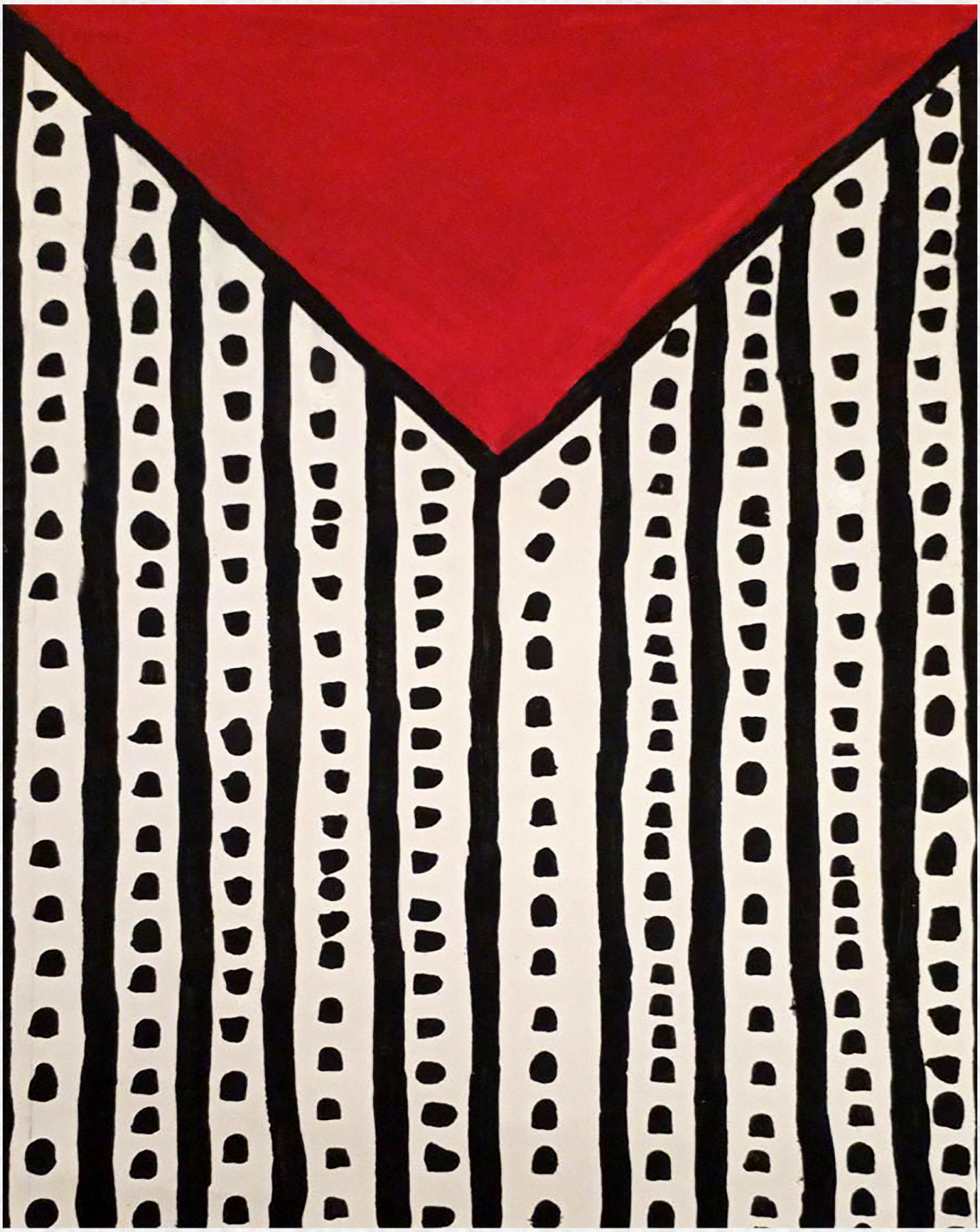


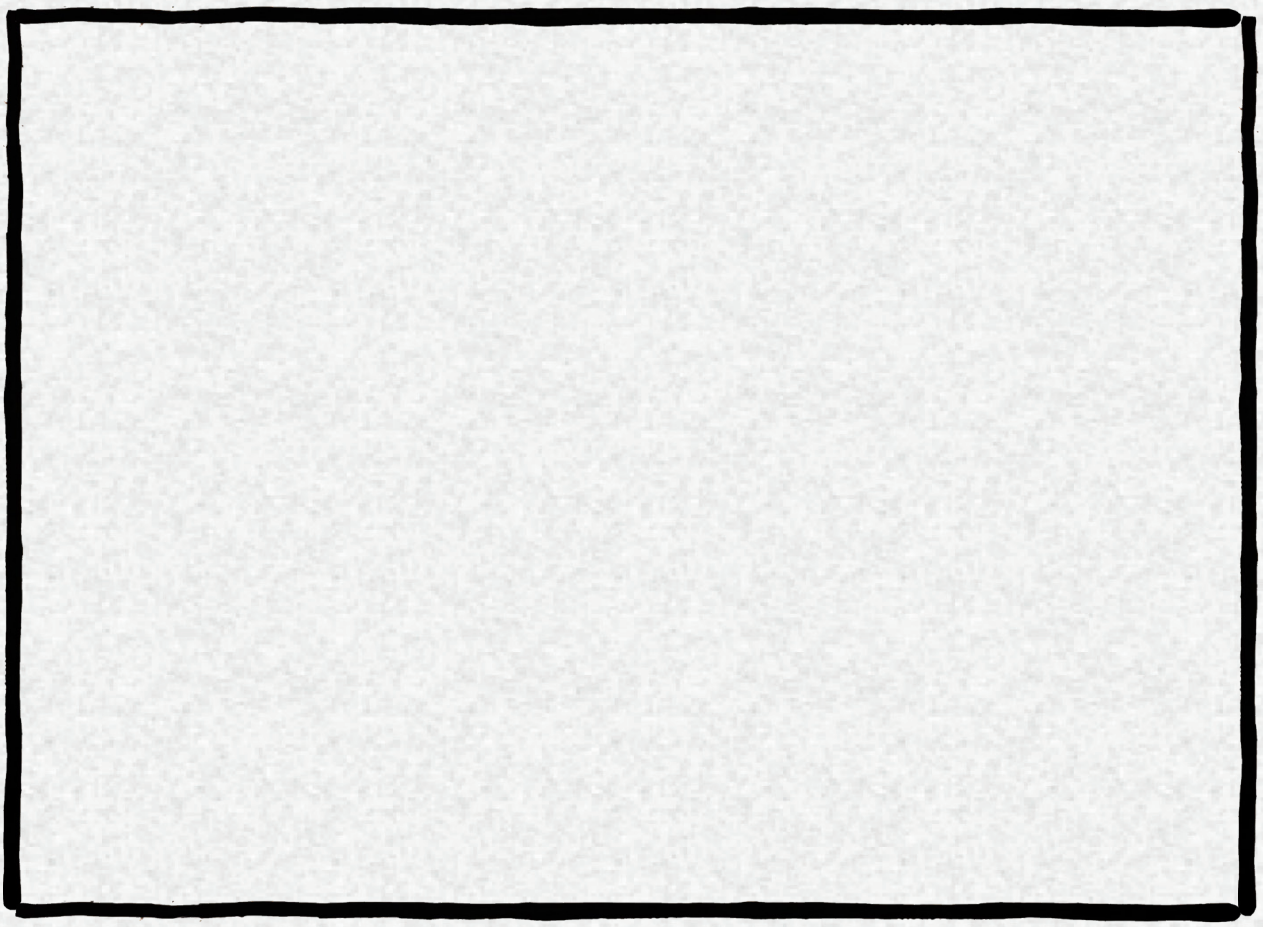


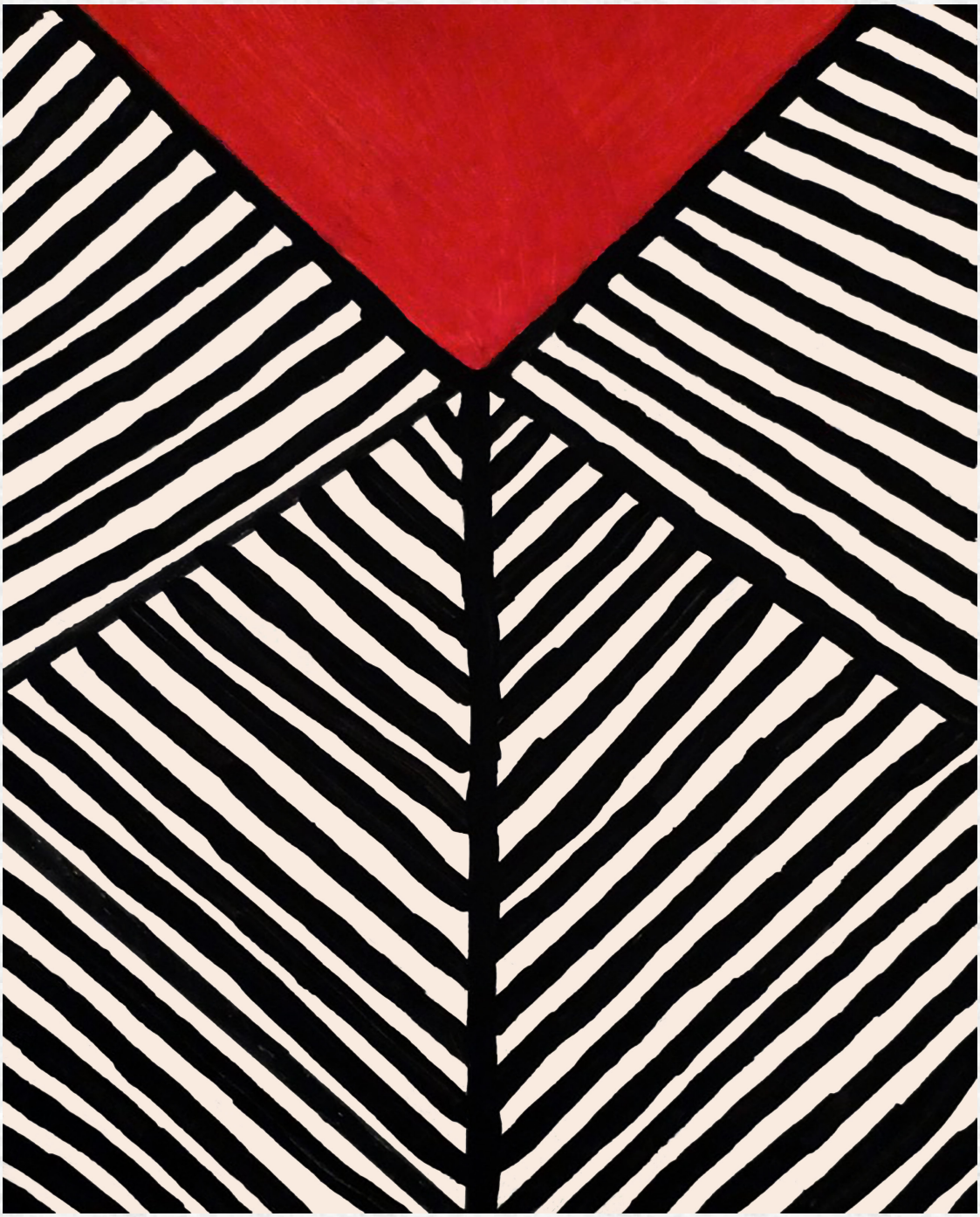


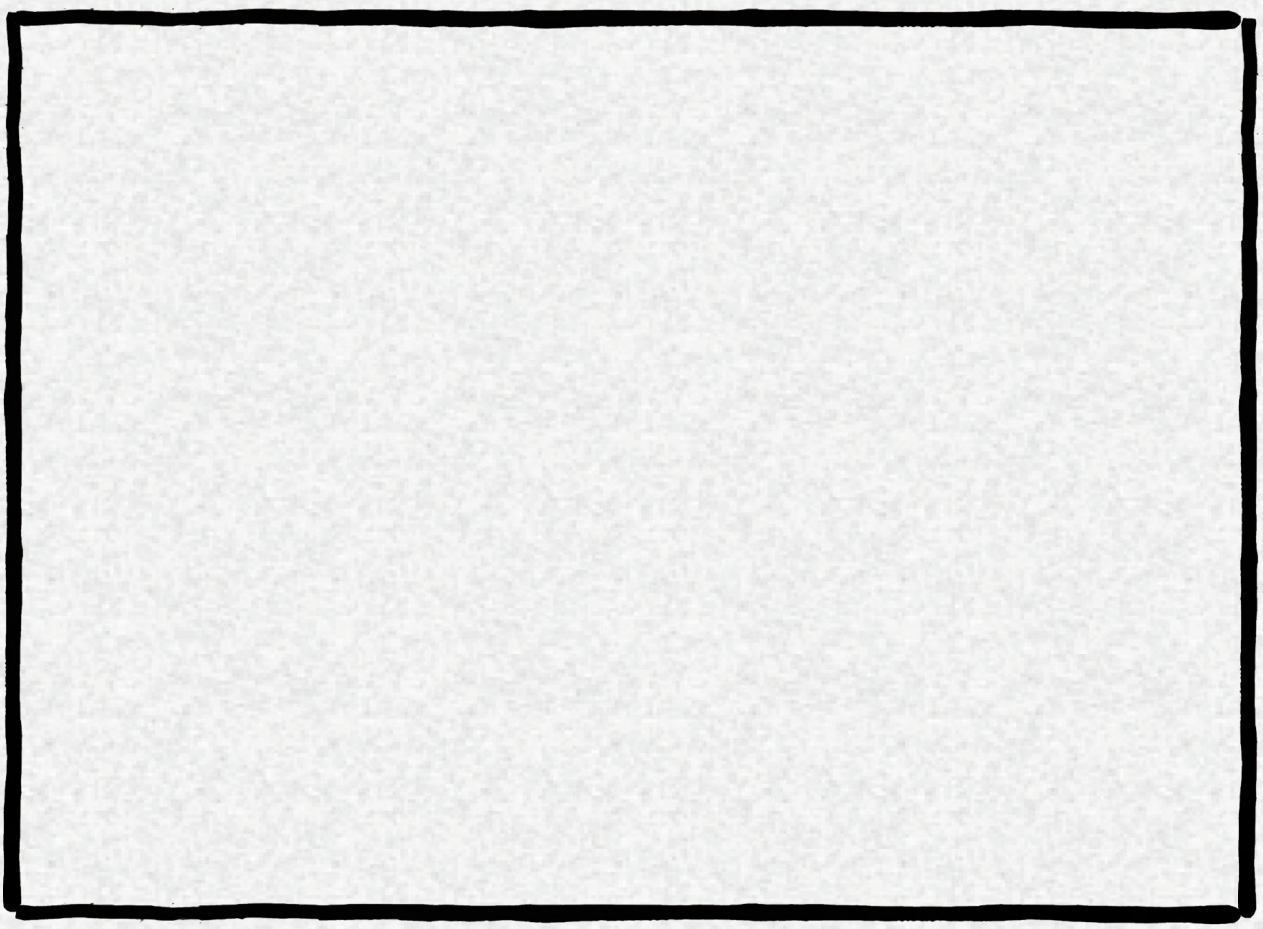




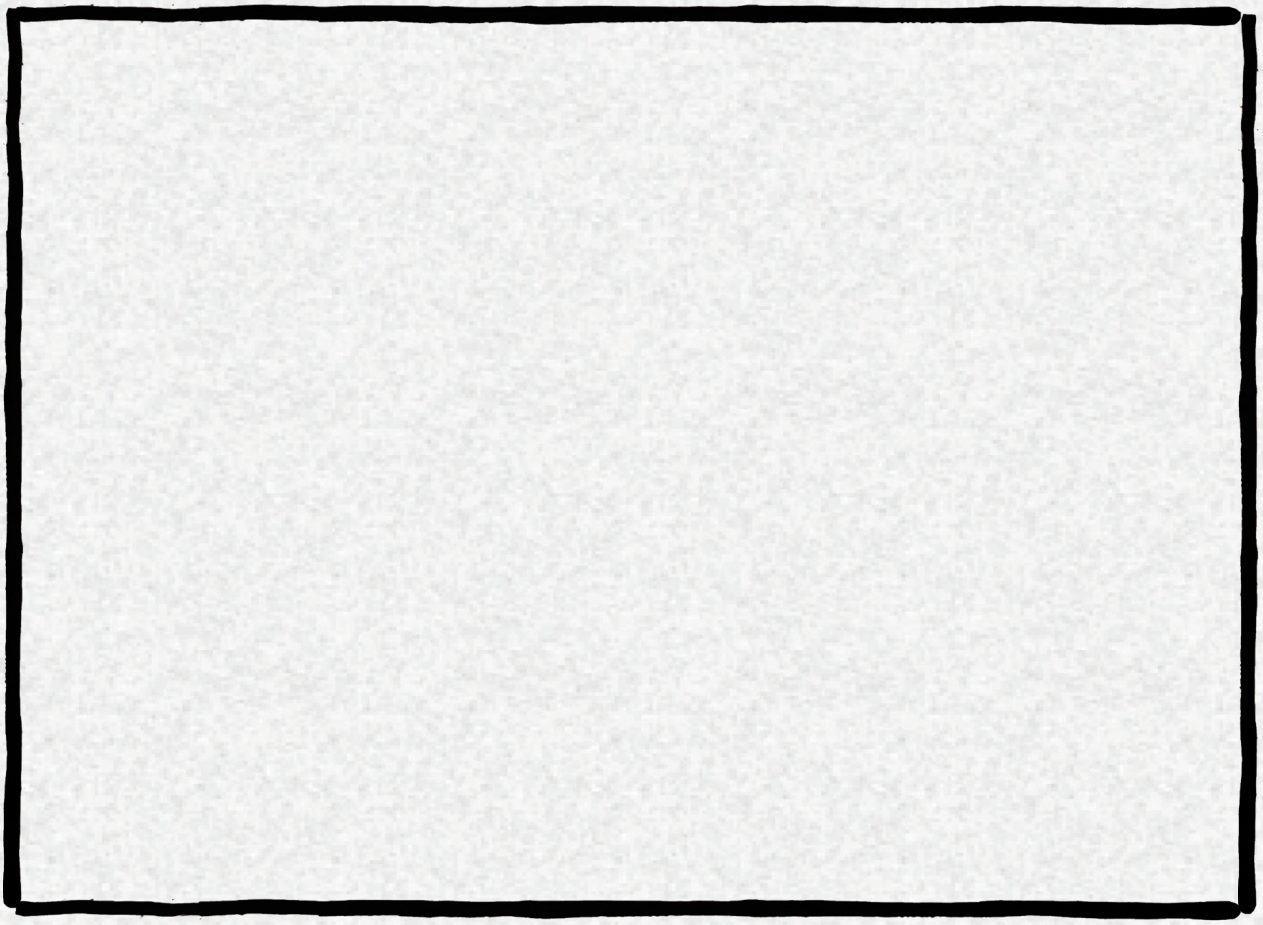




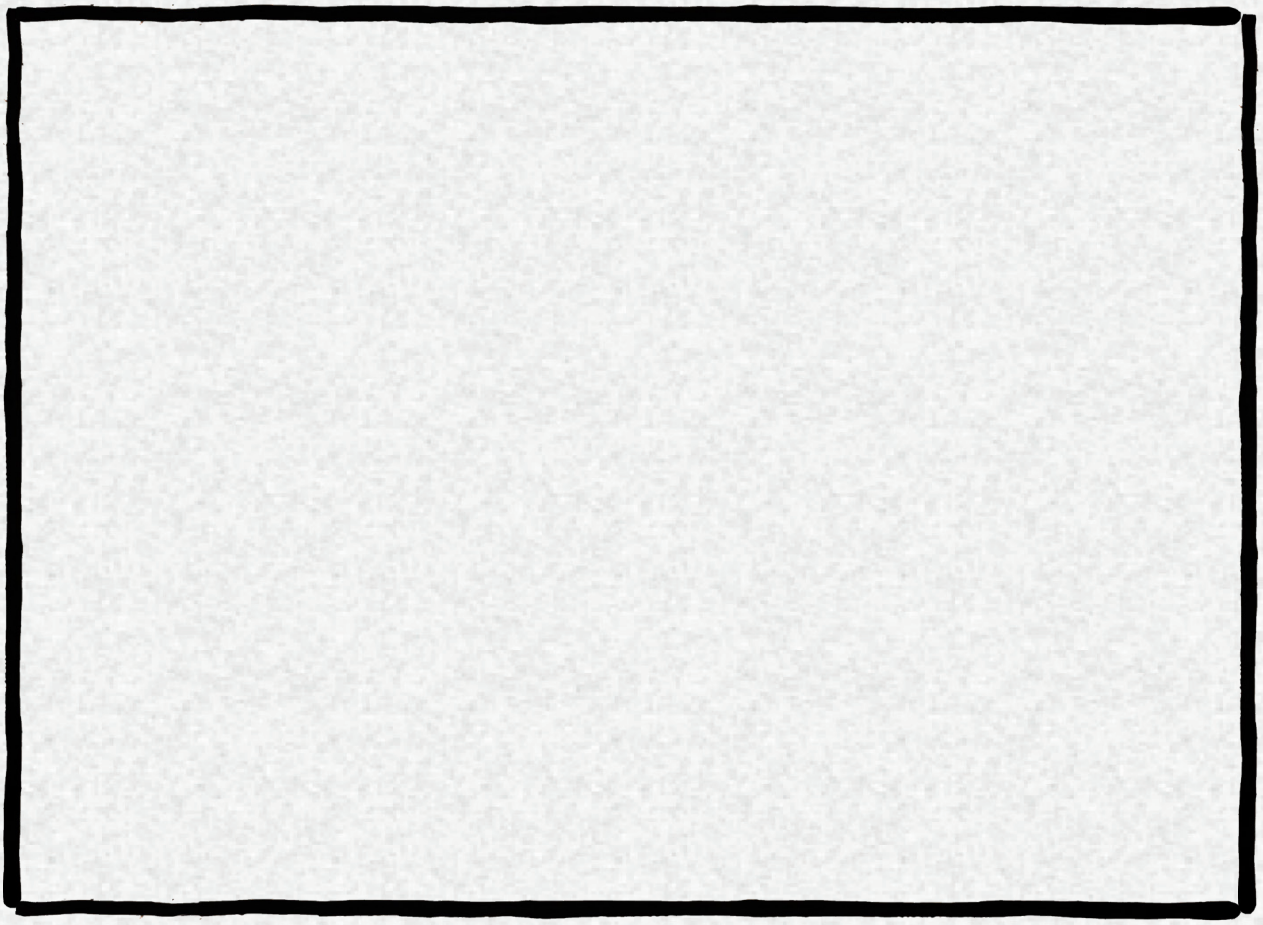


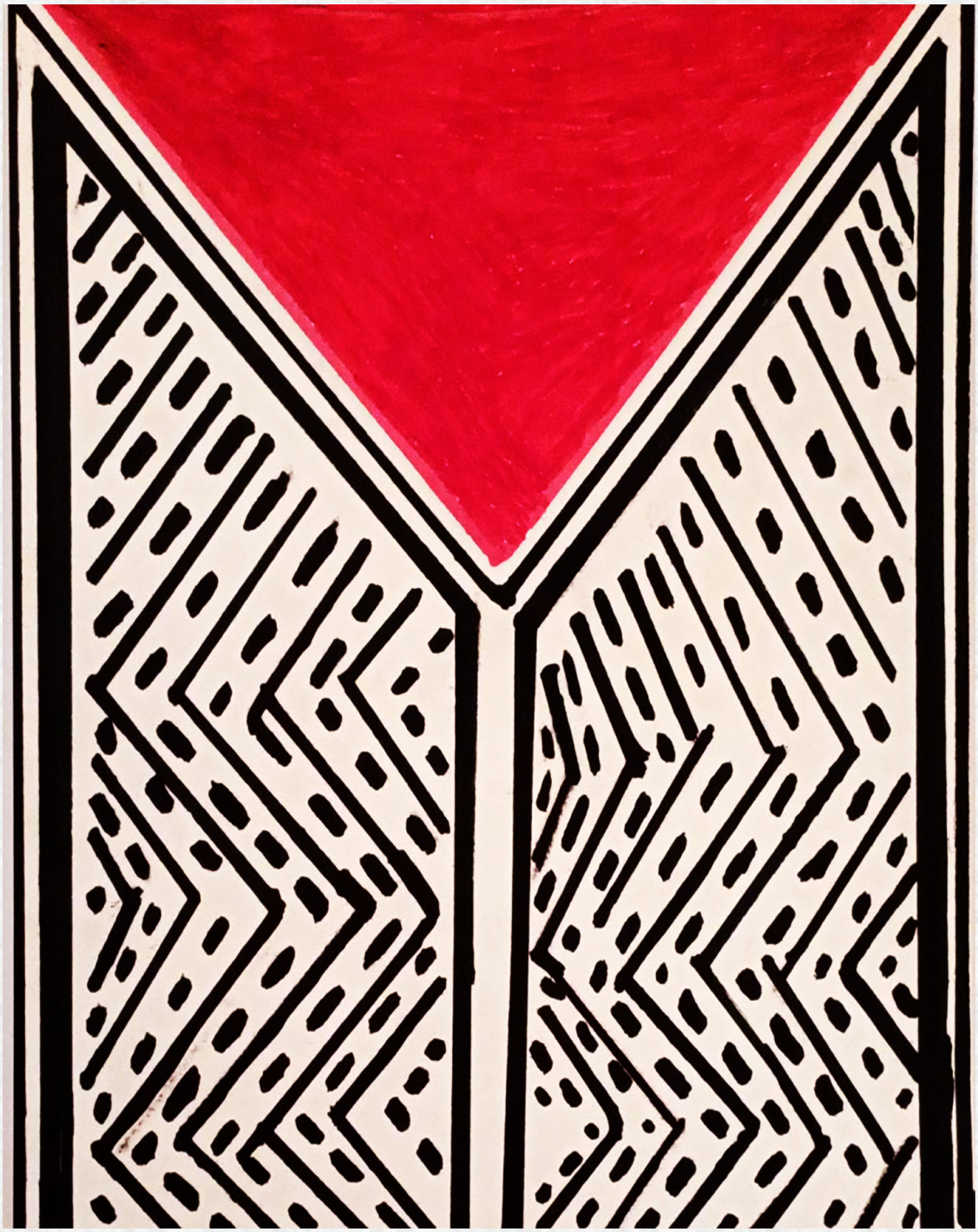


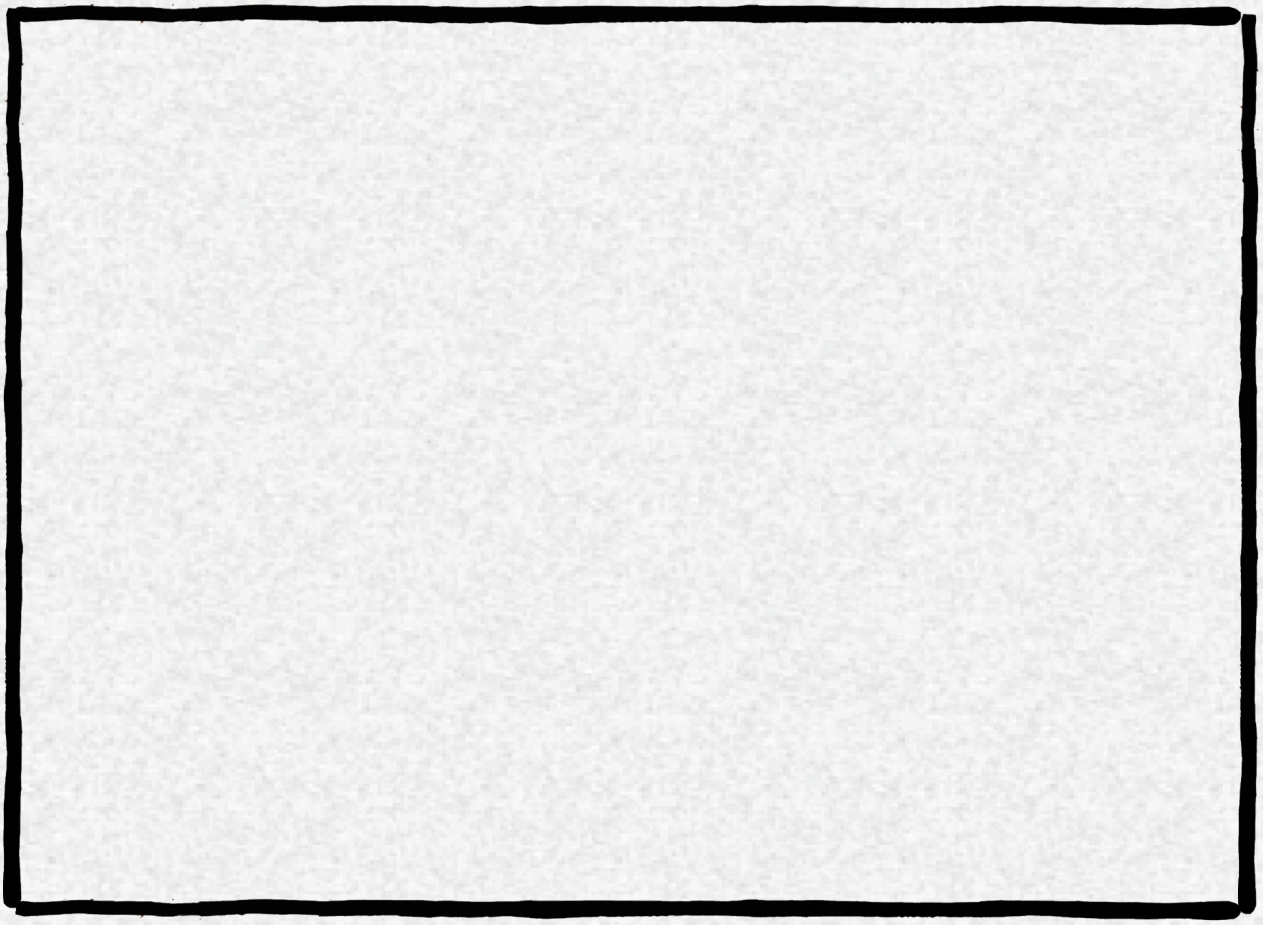


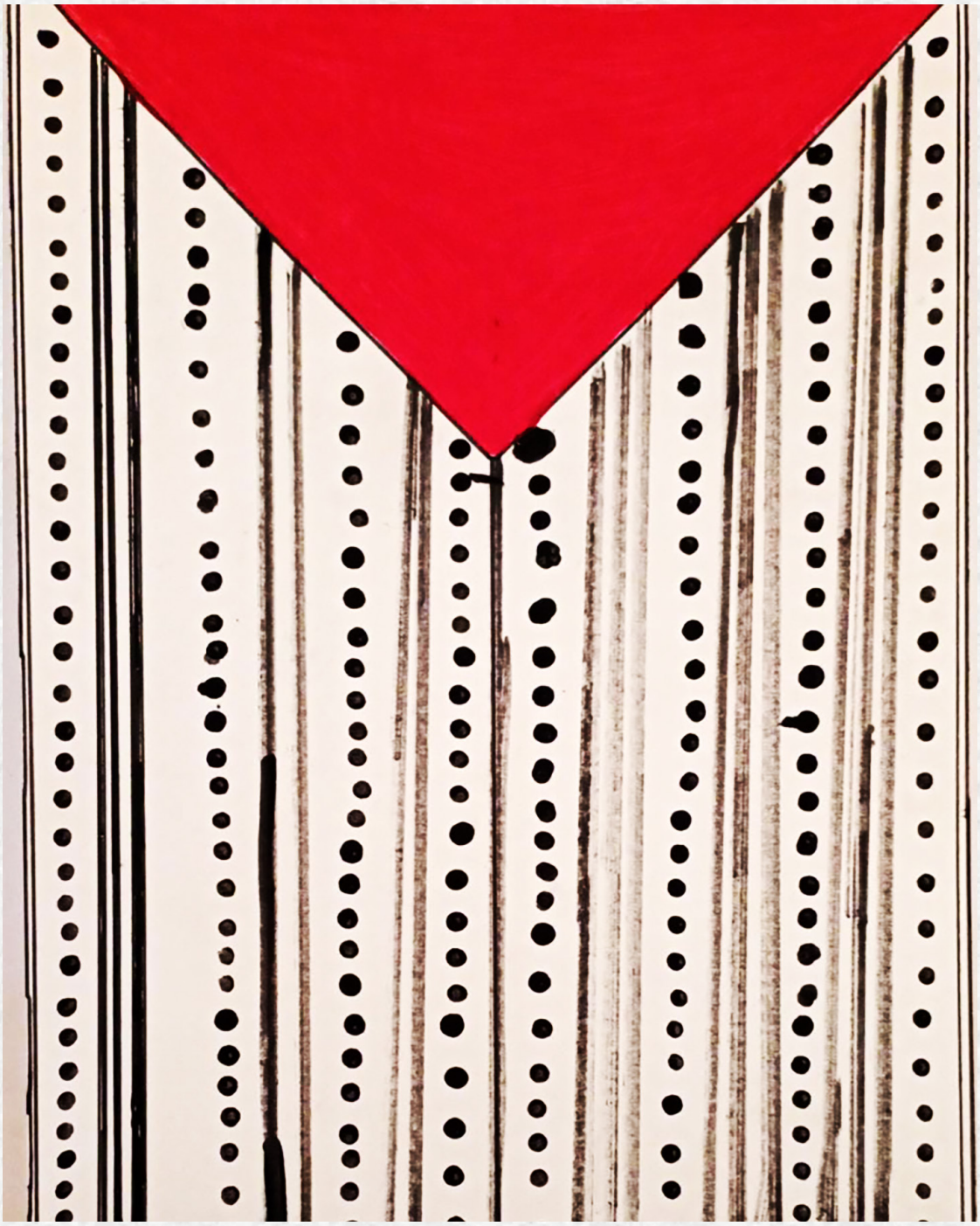


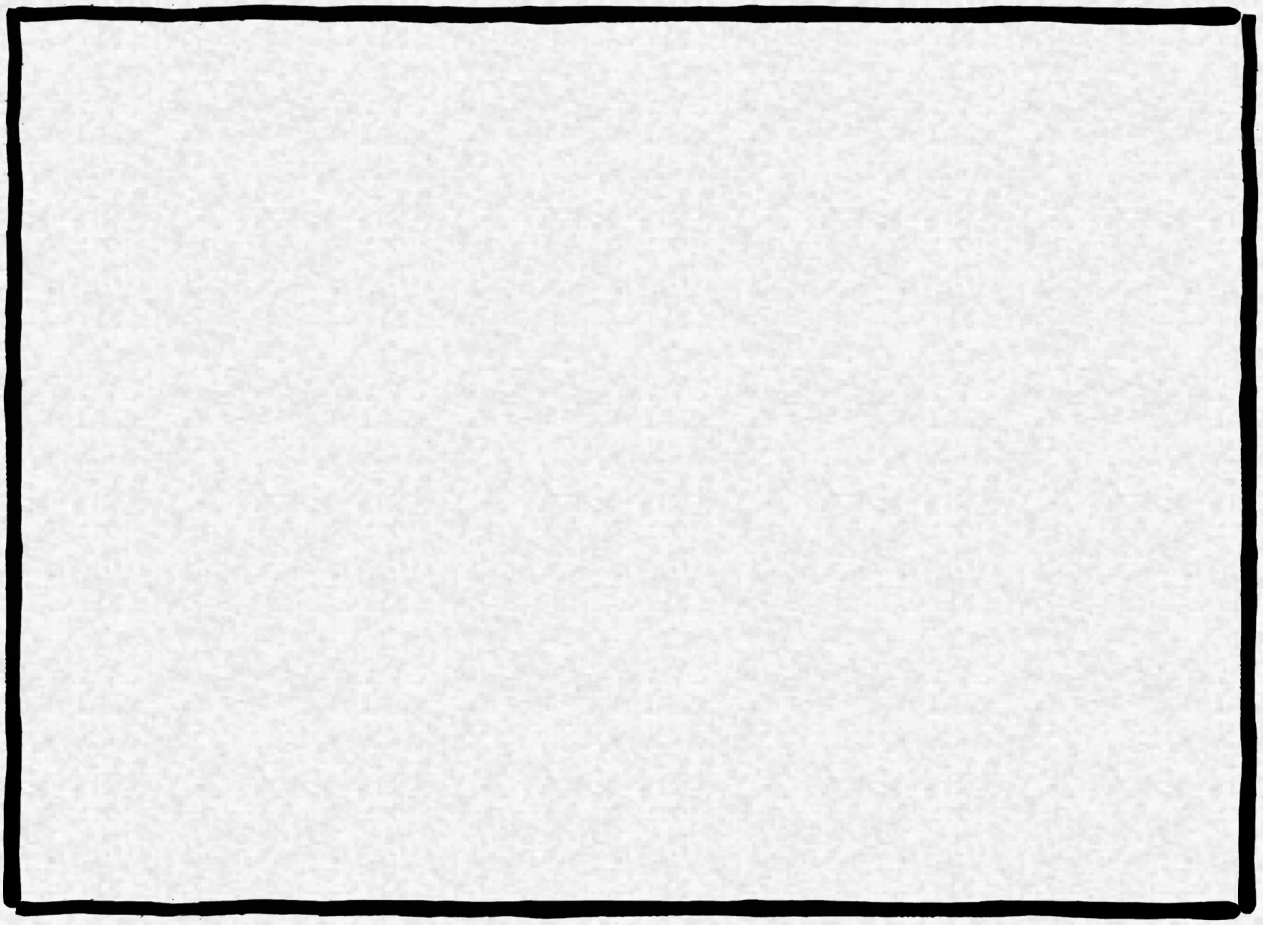


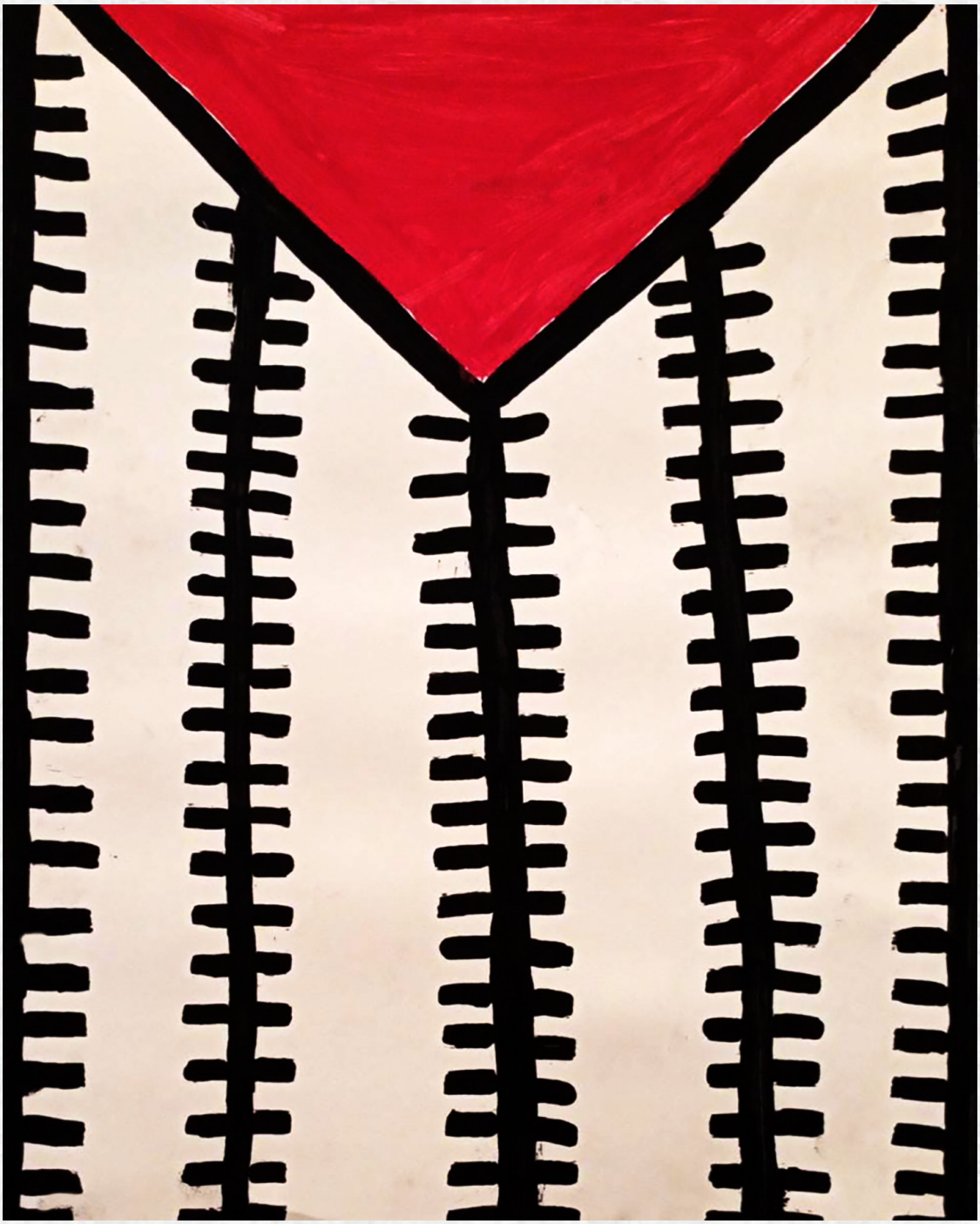


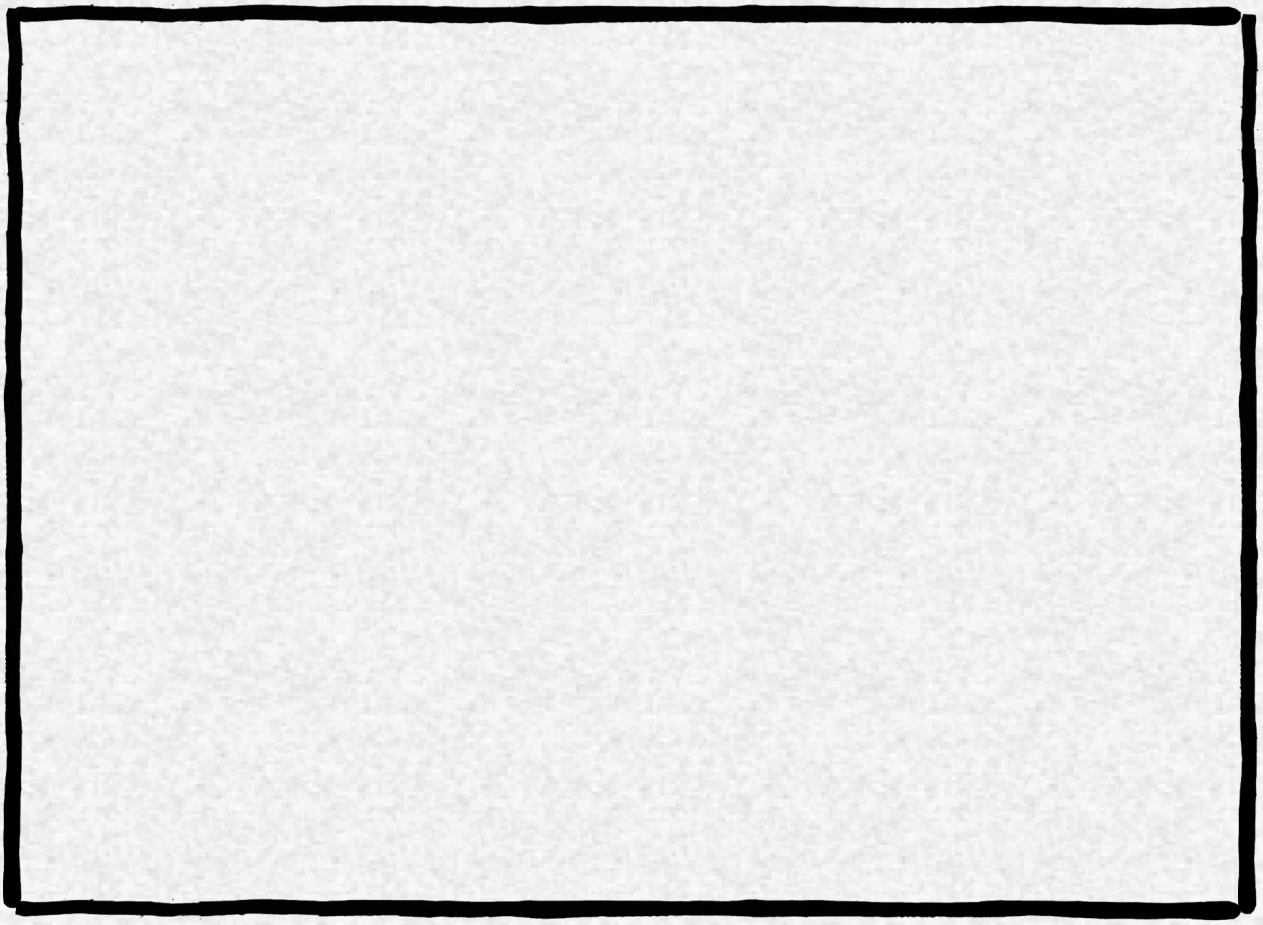


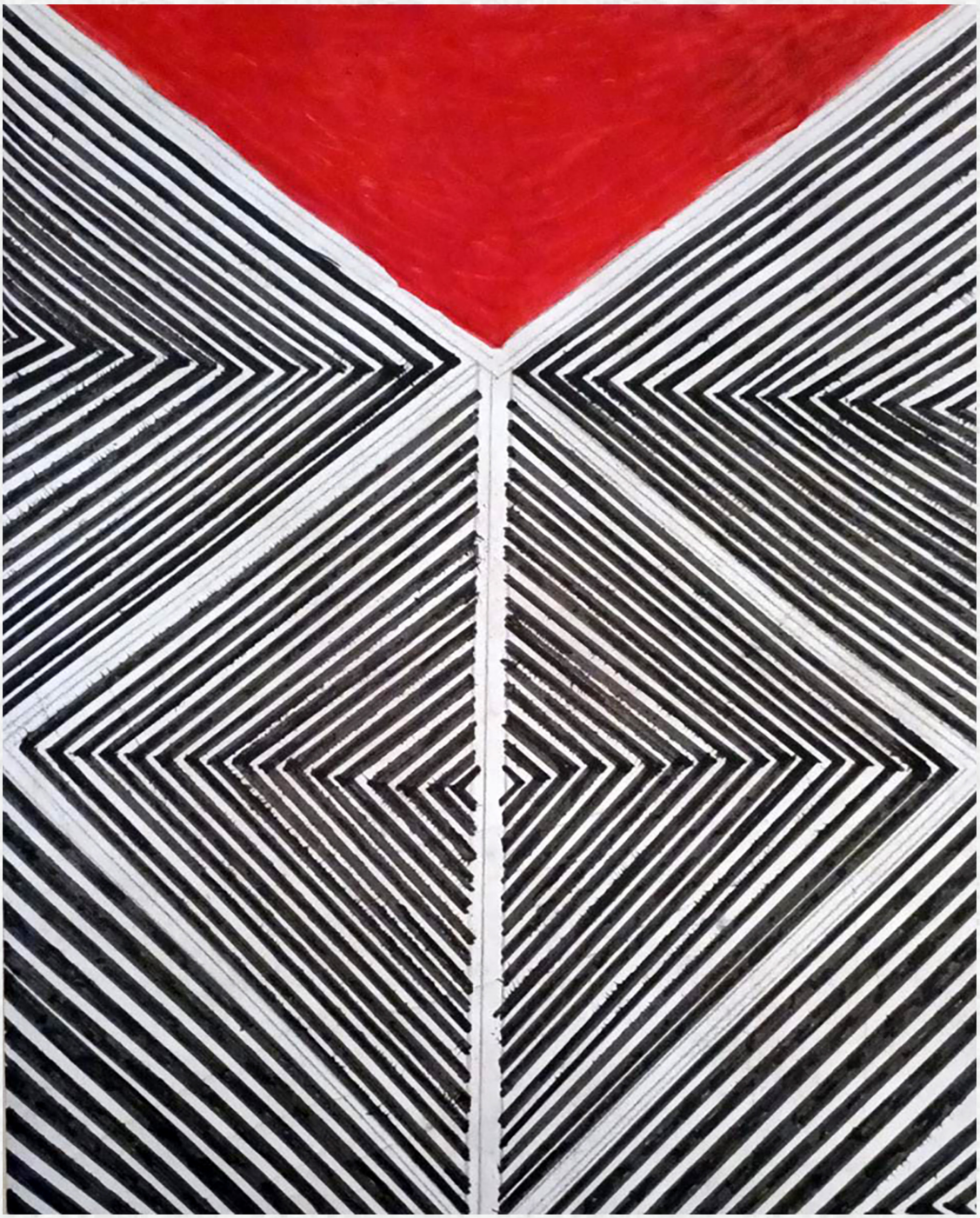


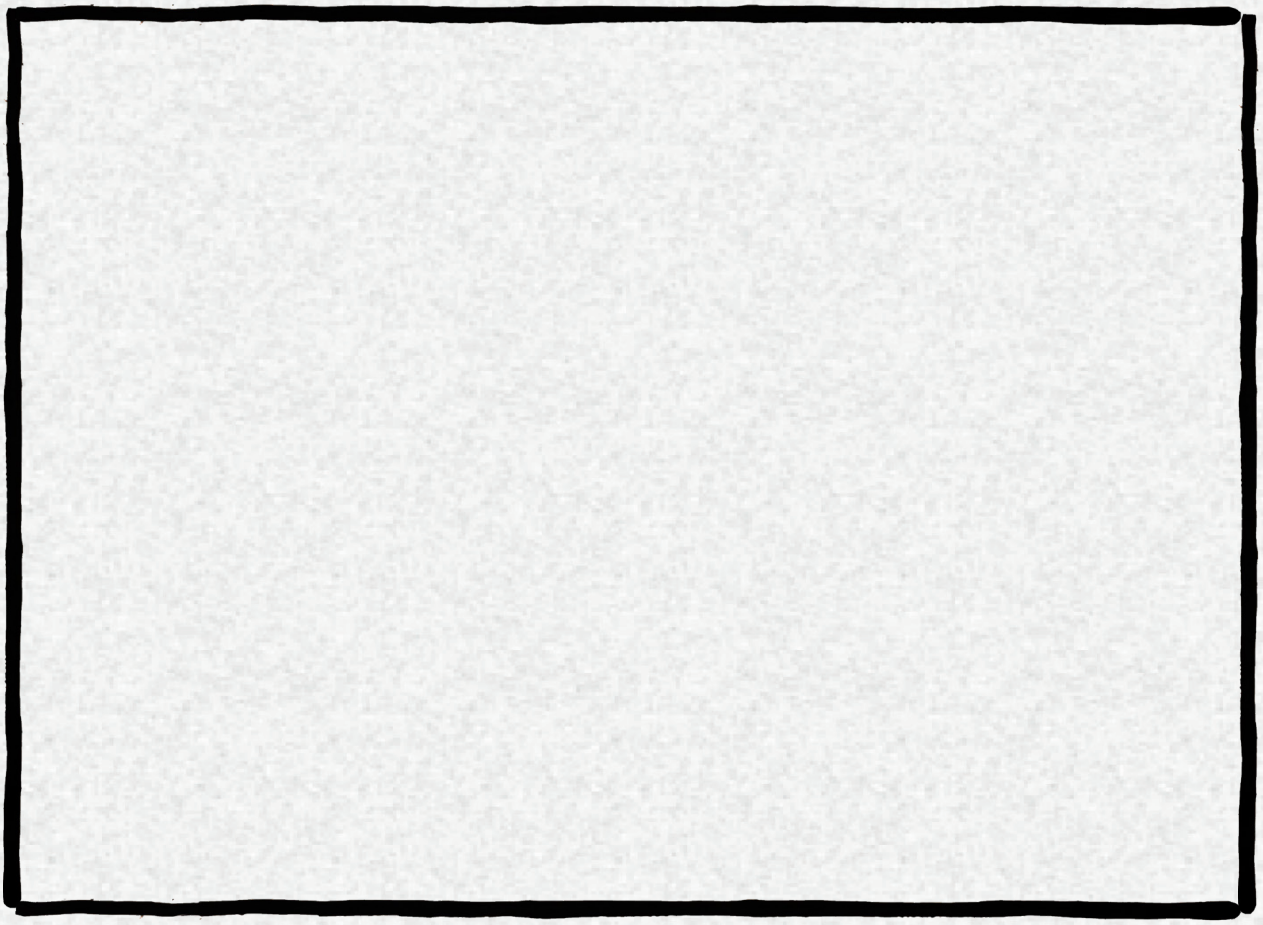


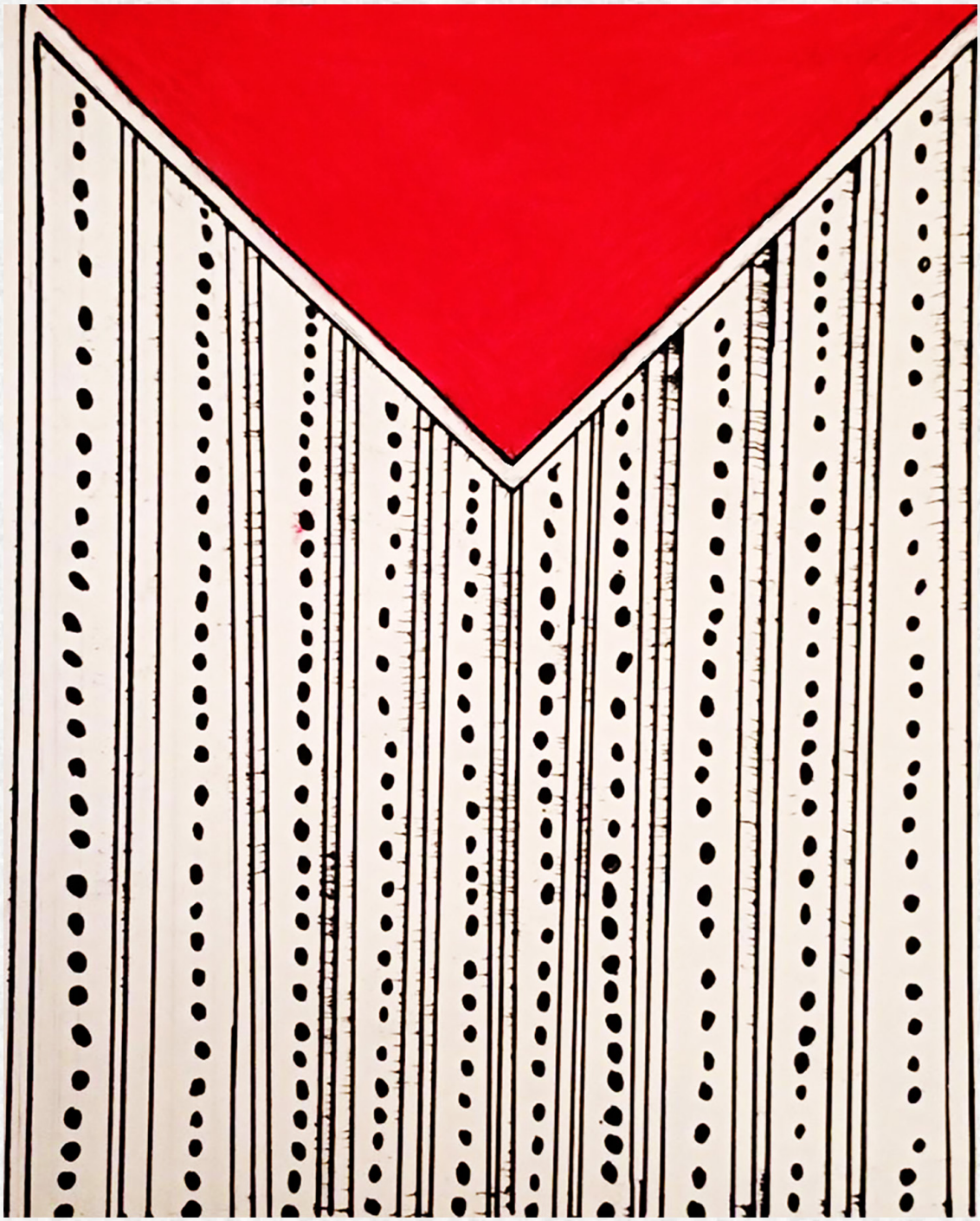


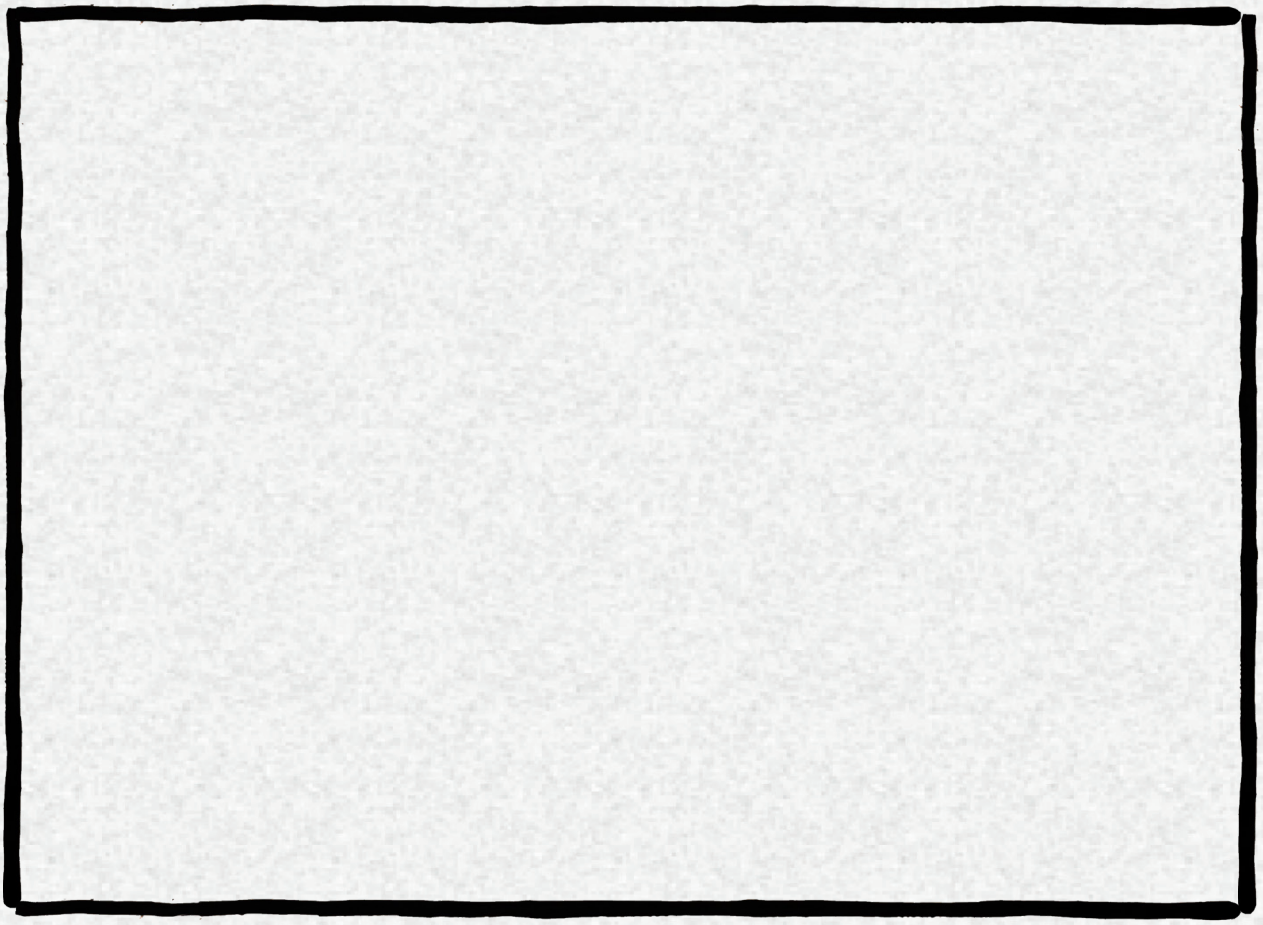




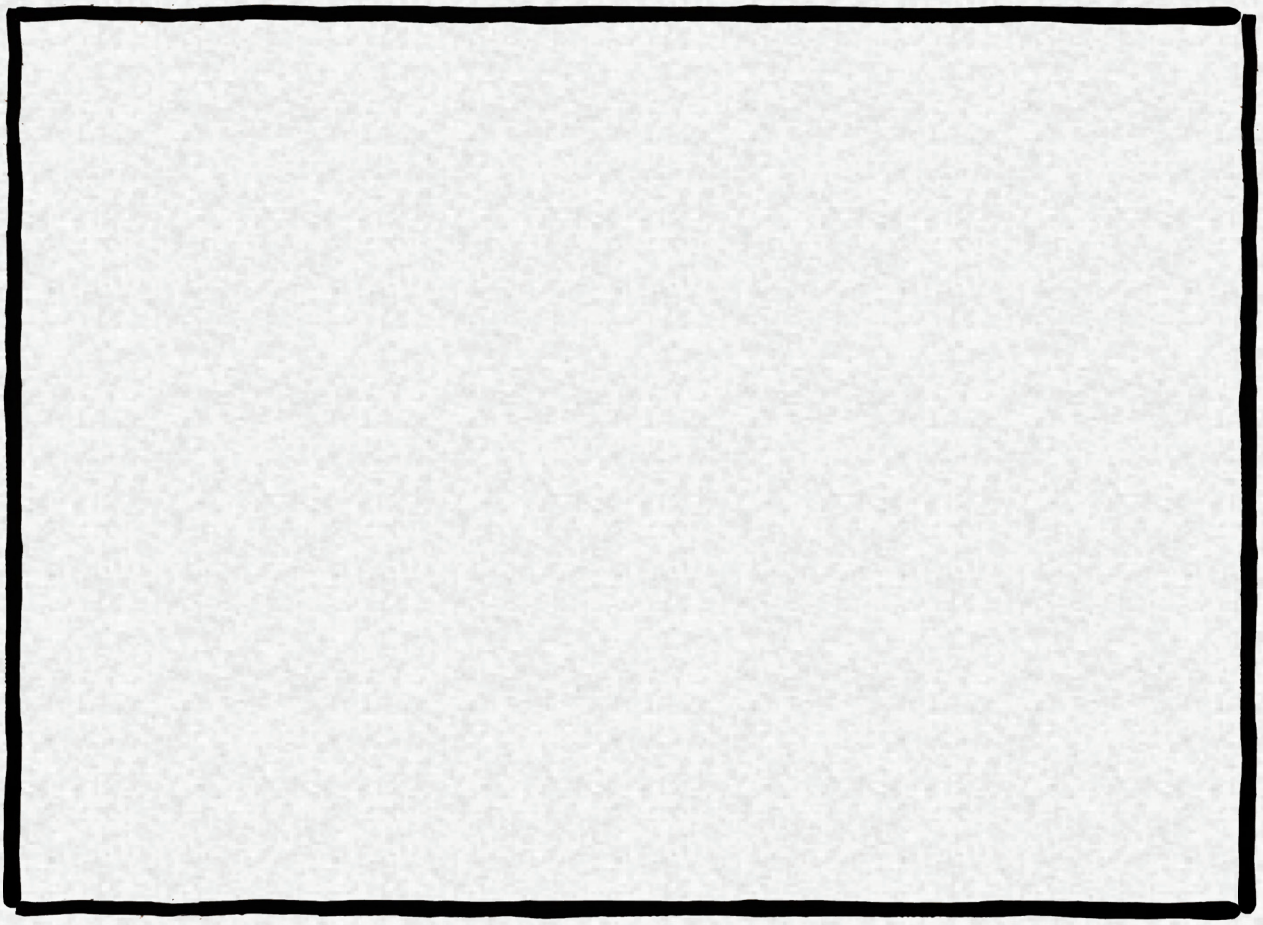


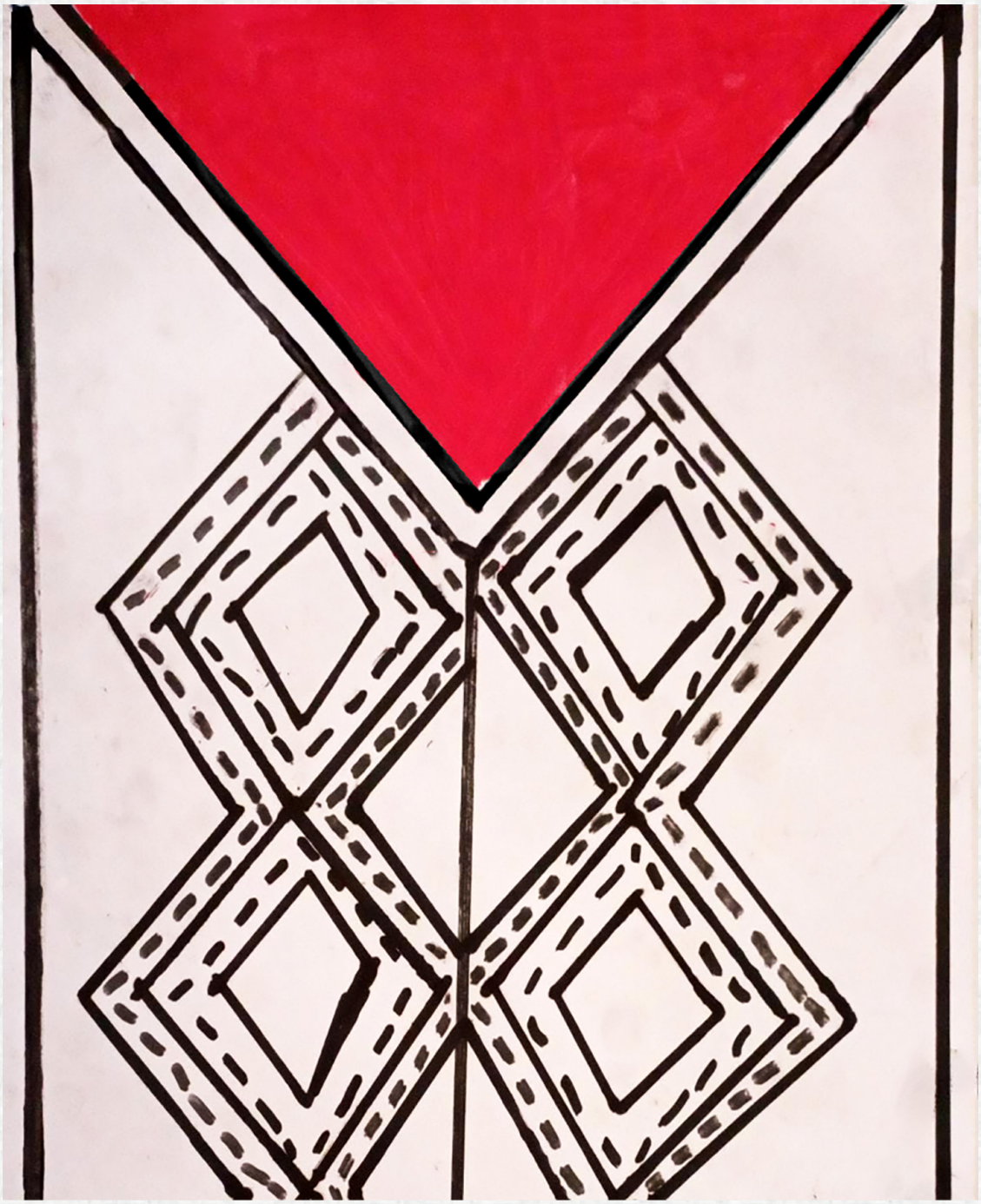


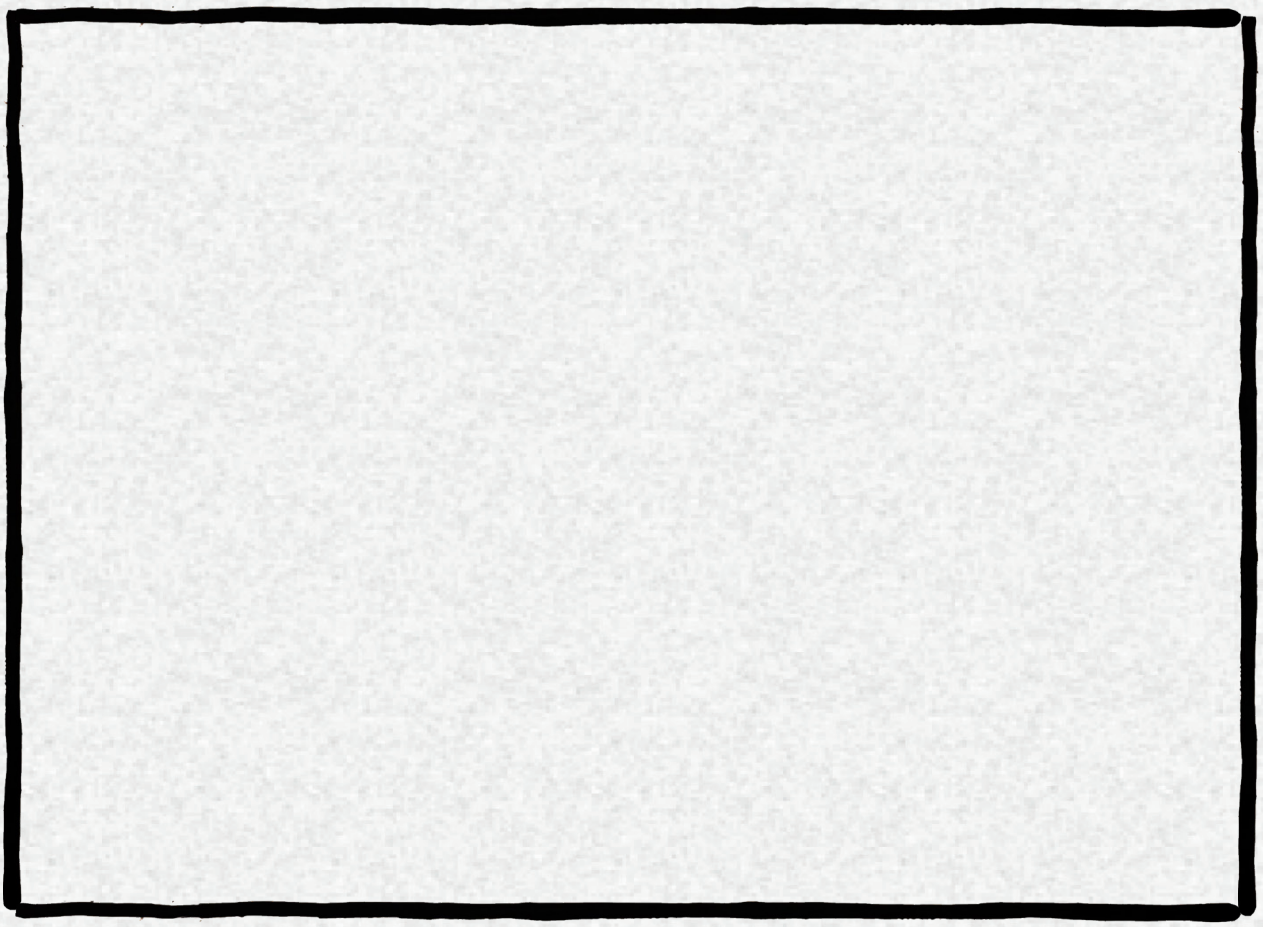




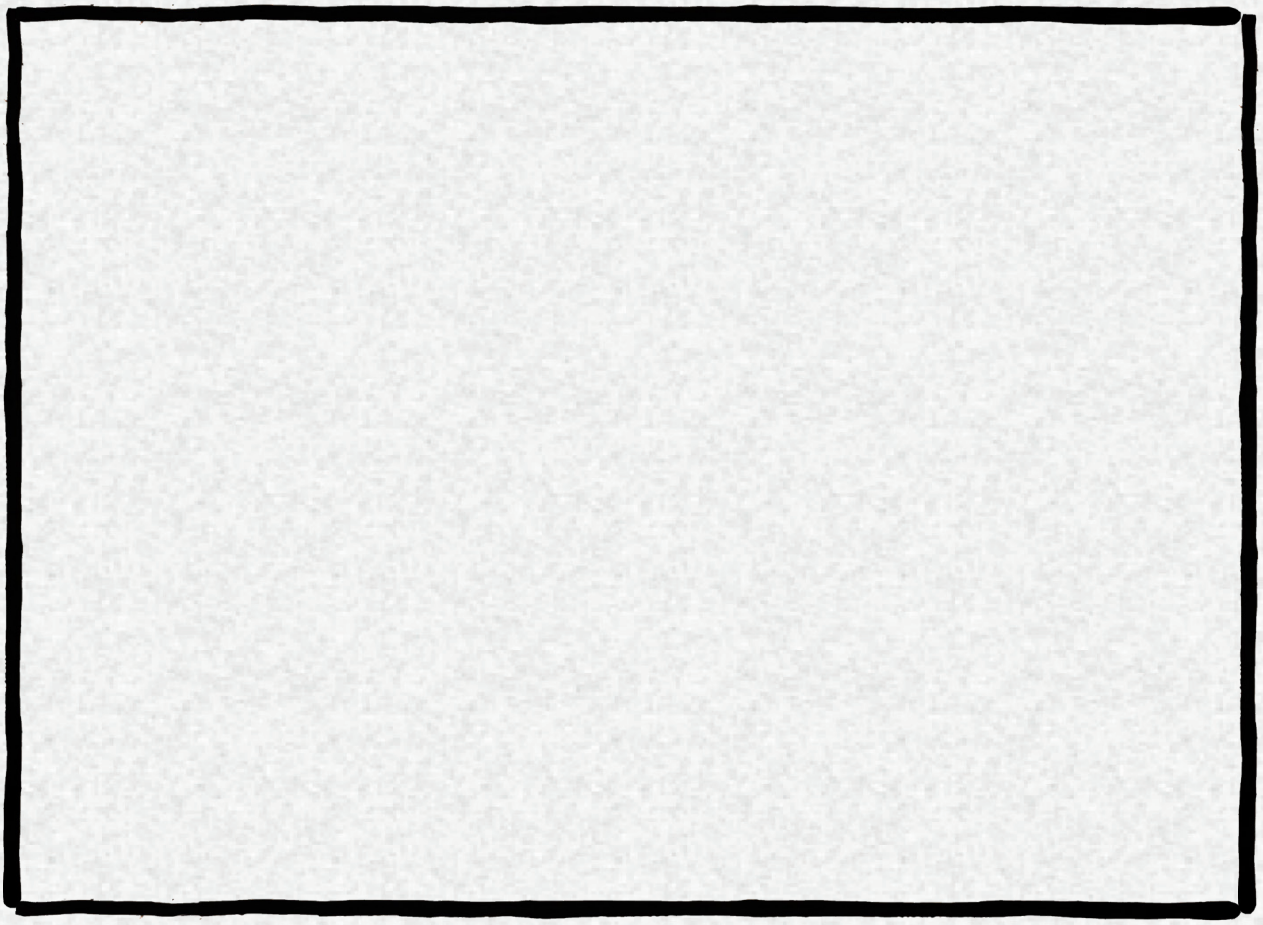


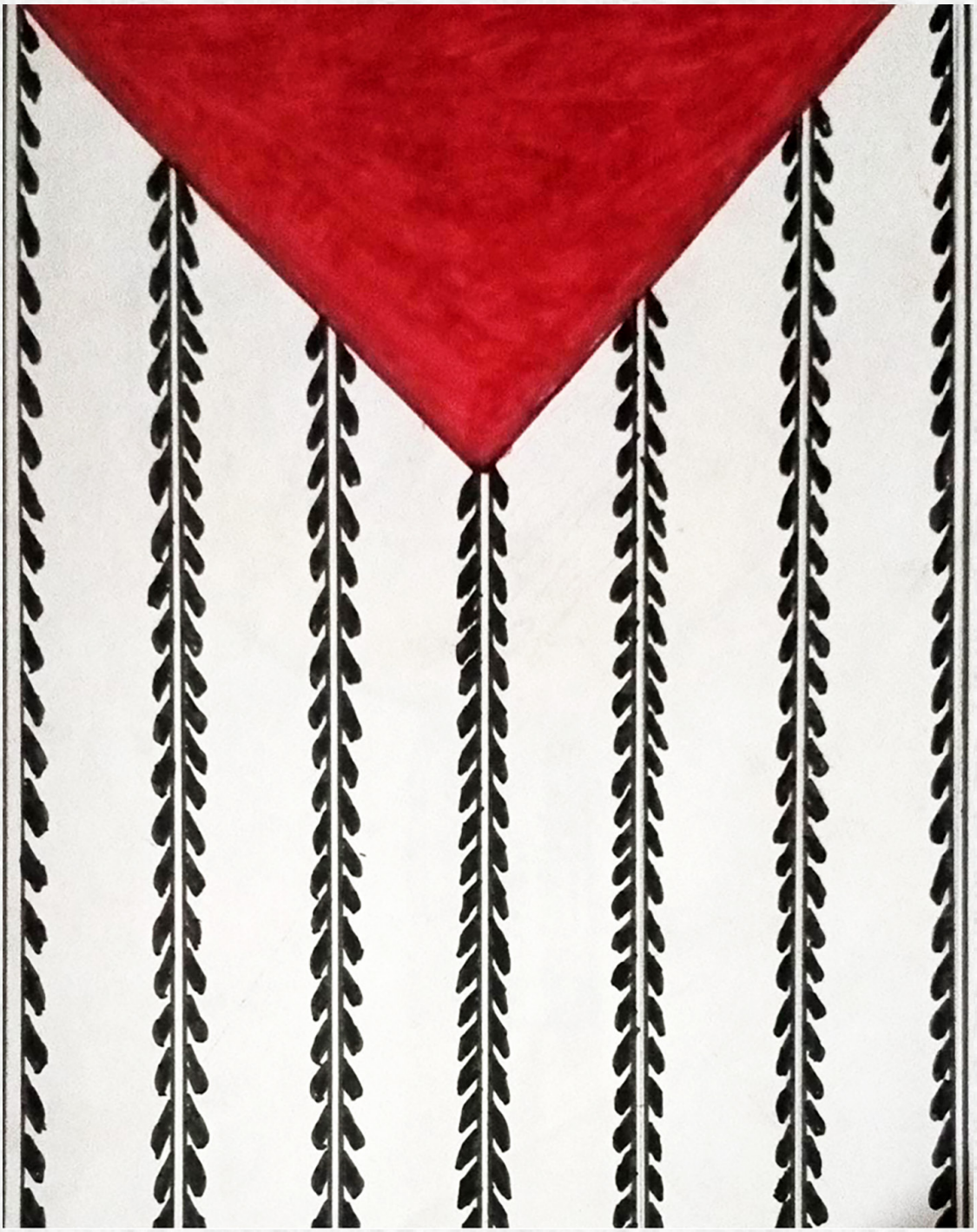


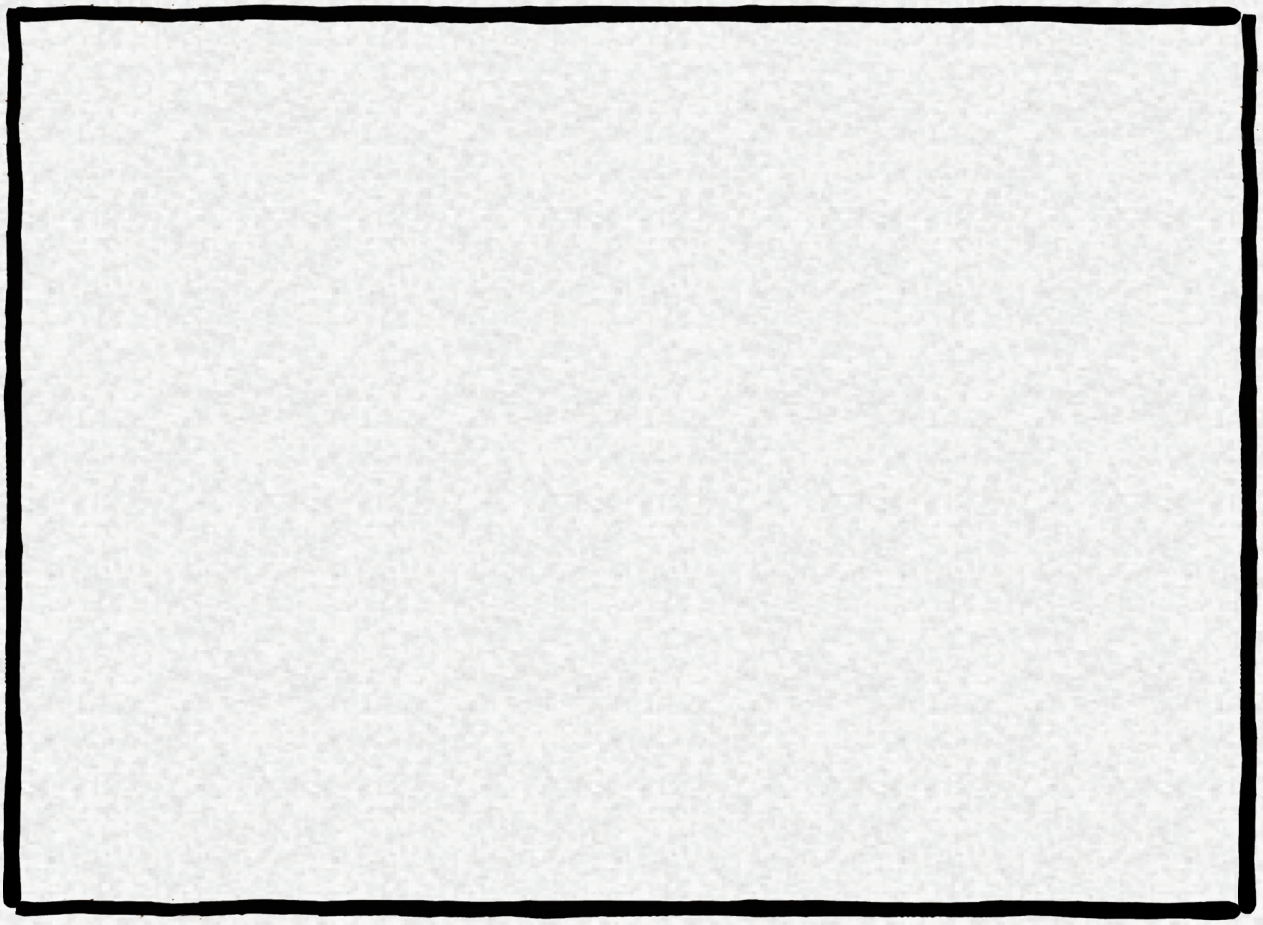














A educação escolar indígena é uma importante ferramenta para a promoção de uma educação intercultural que valorize as diferentes culturas existentes no país e respeite a diversidade cultural dos diferentes povos.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTO
GESTÃO 2025/2028

Secadi
Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização de Jovens e Adultos, Diversidade e Inclusão

UFMT

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA - UFMT

ISBN 978-658510694-8
9 786585 106948
9 786585 106948

paruna